

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**Desenvolvimento Sócio-Econômico: um ensaio comparativo  
sobre Blumenau e São Pedro de Alcântara (1828-1940)**

**MICHAEL AX WILHELM**

Florianópolis  
Agosto 1999

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**Desenvolvimento Sócio-Econômico: um ensaio comparativo  
sobre Blumenau e São Pedro de Alcântara (1828-1940)**

Por Michael Ax Wilhelm

*DEPOSITE DE  
Sanson*

Orientador: João Rogério Sanson, Ph. D.

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina CNM 5420 - Monografia.

Área de Pesquisa: Desenvolvimento Sócio-Econômico. Economia Regional e Urbana. Economia dos Transportes. Economia Catarinense. História Econômica Catarinense.

Palavras-Chaves: 1 - Teoria Sócio-Econômica  
2 - Teorias do Desenvolvimento Sócio-Econômico  
3 - Blumenau  
4 - São Pedro de Alcântara

Florianópolis

Agosto 1999

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,5 ao aluno Michael Ax-Wilhelm na disciplina CNM 5420 - Monografia pela apresentação deste trabalho.

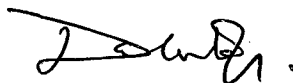
Banca Examinadora:



João Rogério SANSON, Ph. D.  
Presidente (Orientador)



Fernando SEABRA, Ph. D.  
Membro



Newton Carneiro da COSTA Jr., Ph. D.  
Membro

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ingo e Renate, pelo incentivo ao estudo e principalmente pelo financiamento do estudo na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil.

Agradeço à Deus pela minha saúde, pois, sem saúde é inviável tanto estudar, como trabalhar, e amar. Sou grato ao professor João Rogério Sanson por me orientar no longo caminho que tive na construção e elaboração deste trabalho que originou a monografia.

Também agradeço ao professor João Klug por indicações ou sugestões de bibliografias importantes para a elaboração da pesquisa. Agradeço também os parentes como o Senhor Josef Debatin, a Senhora Käthe Schulze nascida Ax, o Senhor Henrique Ax, o Senhor Armin Ax, o Senhor Werner Fleischer, o Senhor Leo Kormann, o Senhor Damião Luiz Maffezzolli, o Senhor Ekkehard Paul Kühne, o Senhor Renaldo Ax, e o Senhor Ingo Wilhelm que descreveram<sup>1</sup> a situação política, econômica, social, e religiosa da época que é do ponto de vista histórico enfatizado no trabalho de 1828 a 1940, contudo, com ilustrações teóricas abrangendo um pouco este período pelo fato de ser inviável uma ruptura drástica de um período para outro no momento de exposição de idéias importantes.

---

<sup>1</sup> A responsabilidade é única e exclusiva do autor.

## **DEDICATÓRIA FAMILIAR**

Dedico este "paper" à pessoas que estimo e que tenho orgulho: Ingo Wilhelm, e Gerhard Ax.

“O mundo inteiro é um palco,  
E todos os homens e mulheres meros atores ...”.

*Shakespeare<sup>2</sup>*

“Assumir uma atitude responsável perante o futuro  
sem uma compreensão do passado é ter um  
objetivo sem conhecimento. Compreender o passado  
sem um comprometimento com o futuro é conhecimento sem objetivo”.

*Ronald Laconte*

“Onde todos são corcundas,  
O homem perfeito é uma monstruosidade”.

*Balzac*

“Um bom cidadão deve amar a todos,  
Deve louvar os bons e ter compaixão dos maus”.

*Maquiavel*

“A história não se faz apenas com dados,  
Mas também com interpretações”.

*Gregório Marañon<sup>3</sup>*

“A educação é algo que torna as pessoas fáceis de dirigir,  
Mas difíceis de manobrar; fáceis de governar, mas impossíveis de escravizar”.

*Lorde Brougham*

“A Lei dos Homens não é igual a lei de Deus,  
Porque,  
Não é igual para todos os cidadãos”.

*Michael Ax Wilhelm*

---

<sup>2</sup> ANTHONY (1989, p. 121).

<sup>3</sup> SCHMIDT (1989).

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
INTRODUÇÃO.....	1
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>4</b>
AS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA.....	4
2.1 Os <i>Periféricos</i> .....	4
2.2 Os <i>Schumpeterianos</i> .....	6
2.3 Os <i>Desenvolvimentistas</i> .....	8
2.4 <i>Outras Contribuições</i> .....	9
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>13</b>
HISTÓRIA ECONÔMICA DA REGIÃO SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA.....	13
3.1 <i>Águas Mornas</i> .....	14
3.2 <i>Antônio Carlos/Alto Biguaçu</i> .....	19
3.3 <i>São Pedro de Alcântara</i> .....	19
3.4 <i>Conclusão</i> .....	21
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>22</b>
HISTÓRIA ECONÔMICA DA REGIÃO BLUMENAU.....	22
4.1 <i>Apiúna</i> .....	23
4.2 <i>Ascurra</i> .....	23
4.3 <i>Blumenau</i> .....	23
4.4 <i>Brusque</i> .....	27
4.5 <i>Dona Emma</i> .....	29
4.6 <i>Gaspar</i> .....	30
4.7 <i>Guabiruba</i> .....	30
4.8 <i>Ibirama/Hammonia-Itajaí-Hercílio</i> .....	31
4.9 <i>Indaial/Jndajal</i> .....	32
4.10 <i>Ituporanga/Salto Grande</i> .....	32
4.11 <i>Presidente Getúlio/Neu-Breslau/Neu-Zürich</i> .....	32
4.12 <i>Rio do Sul/Bella Alliança/Südarm</i> .....	33
4.13 <i>Rio dos Cedros</i> .....	35
4.14 <i>Conclusão</i> .....	35
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>37</b>
O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DA REGIÃO SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA <i>VERSUS</i> A REGIÃO BLUMENAU .....	37
5.1 <i>Os fatores responsáveis pelo desequilíbrio econômico</i> .....	37

5.2 <i>Análise da Teoria Schumpeteriana</i> .....	42
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>46</b>
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....	46
6.1 <i>Conclusões</i> .....	46
6.2 <i>Recomendações</i> .....	48
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>49</b>



## RESUMO

Pesquisadores das mais variadas formações tentaram explicar o desenvolvimento sócio-econômico catarinense. As teorias foram a schumpeteriana, a periférica, a desenvolvimentista e demais contribuições não rotuladas. Os periféricos basearam-se na questão da relação centro-periferia entre o Estado de Santa Catarina e o eixo dinâmico Rio-São Paulo. Já os schumpeterianos exaltaram os imigrantes europeus. Os desenvolvimentistas consideraram o empresário como o principal agente responsável pelo crescimento econômico do Estado. O presente estudo avalia a hipótese schumpeteriana.

A questão é que há um diferencial de desenvolvimento econômico entre as colônias de Blumenau e São Pedro de Alcântara. Isso é uma evidência contra a hipótese schumpeteriana, pois ambas começaram em igualdade de condições quanto ao tipo de imigrantes, ou seja, foram imigrantes europeus não-portugueses.

Pelo fato da teoria schumpeteriana ter criado o pressuposto que o imigrante foi o único e exclusivo agente econômico e social responsável pelo desenvolvimento de Santa Catarina, é que esta teoria incorreu num erro, ou seja, ela apenas enfatizou um fator responsável pela dinâmica social, o fator étnico, enquanto os outros fatores, como o fator geográfico, econômico, histórico, populacional, religioso e cultural, foram desprezados e ignorados em sua análise. Portanto, a teoria schumpeteriana não serve isoladamente para explicar a realidade catarinense.

## ABSTRACT

Researchers with different backgrounds attempted to explain the socio-economic development of Santa Catarina state. The theories are the schumpeterian, the peripheral, the developmentalist and the non-classified. The peripherals base their arguments on the center-periphery relation between Santa Catarina state and the dynamic economic axis of Rio-São Paulo. As for the Schumpeterians, they glorify the non-portuguese european immigrants. The developmentalists consider the entrepreneur as the main agent in the economic growth of the state. The present study evaluates the Schumpeterian hypothesis.

A difficulty for the hypothesis is that there is a strong differential in economic development between the colonies of Blumenau and São Pedro de Alcântara. This is an evidence against the Schumpeterian hypothesis because both started in equal conditions as to the kind of immigrants, i.e., non-portuguese European immigrants.

Due to the fact that the Schumpeterian theory had subsumed that the immigrant was the fundamental social agent in the development of Santa Catarina state, it made a mistake. It put too much emphasis on one factor, the ethnic factor, in explaining the social dynamics, while other factors, such as the geographical, economic, historic, populational, religious and cultural, were ignored in the analysis. Therefore, the Schumpeterian theory does not by itself explain the economic evolution of Santa Catarina state.

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

A Colônia São Pedro de Alcântara, localizada no Estado de Santa Catarina, foi fundada em 01 de março de 1829. Foi um dos primeiros núcleos de Colonização Européia predominantemente de língua alemã e dialetos (*plattdeutsch*, *badenser*, *hünsrick*, tirolês, bávaro, entre outros). A colônia virou município apenas em 1994.

A Colônia Blumenau foi fundada por Hermann Blumenau em 02 de setembro de 1850. Foi colonizada por povos de língua alemã e dialetos (*plattdeutsch*, *badenser*, *hünsrick*, tirolês, bávaro, entre outros); língua italiana e dialetos (trentino, vêneto, dentre outros); língua polonesa; língua tcheca; língua ucraniana; língua inglesa; dentre outras. Desta data em diante desenvolveu-se sem parar. É atualmente (i.e., em 1999) o 2º (segundo) município mais industrializado no Estado de Santa Catarina, só ficando atrás de Joinville dentro da Região Joinville ou Sistema Industrial Localizado Joinville.

Existem trabalhos sobre a economia da Região Blumenau ou Sistema Industrial Localizado Blumenau, alguns deles são: MIRA (1920), CASTRO (1975), e SINGER (1977). Existem trabalhos sobre a economia da Região São Pedro de Alcântara ou Sistema Industrial Localizado São Pedro de Alcântara, alguns deles são os de: PAIVA (1929), REITZ (1988, 1991), JOCHEM (1992). O Enfoque Teórico será constituído pelas "linhas do pensamento econômico" que foram formadas pelos trabalhos escritos pelos periféricos, schumpeterianos, desenvolvimentistas e por algumas contribuições não rotuladas ideologicamente. Os periféricos enfatizaram a questão da relação centro-periferia, que o Estado de Santa Catarina se encontrava diante, ou seja, dependente do eixo dinâmico Rio de Janeiro-São Paulo. Os schumpeterianos

afirmaram que o imigrante europeu foi o único e exclusivo agente econômico a ser responsável pelo dinamismo da economia catarinense. Os desenvolvimentistas consideraram o empresário o ator principal e o Estado o ator coadjuvante no processo histórico-econômico. As demais contribuições não rotuladas ideologicamente não apresentaram uma idéia claramente definida a respeito do desenvolvimento sócio-econômico do Estado de Santa Catarina.

A literatura de desenvolvimento sócio-econômico se estende aos estudos feitos por MYRDAL (1968), PERROUX (1975), LIPIETZ (1987), CORREA (1989) e COURLET (1993), que representam a teoria do crescimento regional e urbano. Aliado a esta discussão encontra-se o papel (i.e., a importância) da educação, isto é, do investimento em capital humano principalmente nas questões, por exemplo, que discutem a necessidade de investimentos em capital físico requeridas por um capital humano especializado. E que torna possível o pleno funcionamento do capitalismo, discutidos sobretudo por FIOD (1995) e SENNA (1995), fundamentados na importância da criação dos meios de consumo coletivos discutidos por JARAMILLO (1986).

A amplitude histórica compreenderá o período de 1828 a 1940.<sup>1</sup> O objetivo deste trabalho, em primeiro lugar, é fazer uma reflexão, ou seja, um levantamento historiográfico e geográfico de natureza econômica<sup>2</sup>, comparando o desenvolvimento sócio-econômico de Blumenau *versus* o de São Pedro de Alcântara. A amplitude do trabalho abrangerá um levantamento dos fatores que determinaram o desequilíbrio econômico entre Blumenau e São Pedro e a análise da teoria schumpeteriana.

---

<sup>1</sup> Para efeitos de compreensão a análise irá até o ano de 1940, pois, a indústria ainda era considerada como sendo Artesanal e de Subsistência.

<sup>2</sup> MAGNOLI (1996, p. 09).

O objetivo deste trabalho, em segundo lugar, é verificar se a teoria schumpeteriana consegue ou não explicar porque há um diferencial<sup>3</sup> de desenvolvimento sócio-econômico entre Blumenau e São Pedro de Alcântara se os imigrantes que colonizaram as duas regiões eram na época provenientes das mesmas regiões européias.

Metodologicamente será utilizada uma revisão de literatura baseada nos trabalhos já escritos sobre o desenvolvimento sócio-econômico no Estado de Santa Catarina para a explicação dos fatores que levaram ao desequilíbrio econômico e a interpretação da hipótese schumpeteriana (i.e., o Capítulo 2).

Depois será feita uma análise histórica e geográfica de São Pedro de Alcântara (i.e., o Capítulo 3) e uma análise histórica de Blumenau (i.e., o Capítulo 4), para posteriormente fazer a análise econômica das duas regiões (i.e., o Capítulo 5).

A importância e justificativa resume-se no fato de proporcionar ao leitor uma visão alternativa do trabalho<sup>4</sup> comparando economicamente Blumenau e São Pedro de Alcântara.

---

<sup>3</sup> Uma ótica sobre esta questão é encontrada em: SINGER (1977), e também em RATTI (1994).

<sup>4</sup> O trabalho pioneiro de HERING (1987) menciona do ponto de vista histórico a diferença existente entre a imigração voltada para Blumenau e a outra voltada para São Pedro de Alcântara.

## **CAPÍTULO 2**

### **AS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Há muito tempo cientistas e/ou pesquisadores escreveram artigos e trabalhos a respeito do desenvolvimento sócio-econômico do Estado de Santa Catarina, estes trabalhos científicos ficaram conhecidos como as teorias do desenvolvimento catarinense.

Em seguida passaremos a abordá-las, começando pelos periféricos, depois pelos schumpeterianos, pelos desenvolvimentistas e depois pelas demais contribuições, não rotuladas<sup>5</sup>, de MAMIGONIAM (1960, 1965, e 1986), CASTRO (1975), SINGER (1977), e MICHELS (1993).

#### **2.1 Os Periféricos**

A linha de pensamento econômico, chamada de periférica, busca explicar a situação econômica do Estado de Santa Catarina através da idéia do Estado estar posicionado geograficamente e economicamente distante do centro dinâmico, representado aqui pelo eixo Rio de Janeiro-São Paulo, e ausente, portanto, do maior mercado consumidor do Brasil, isto é, da grande concentração urbana que absorvia a maior parcela dos bens e serviços produzidos no Brasil, ou seja, na Federação Brasileira (BR).

Associada a esta idéia com a apropriação do excedente agrícola gerado em maior quantidade em função do aumento de produtividade, conseqüência do

---

<sup>5</sup> Nomenclatura criada por: MICHELS (1993).

uso de novas tecnologias trazidas na época da imigração europeia segundo Etienne Luiz SILVA, e da “(...) reconversão dos excedentes do comércio de importação e exportação (...)” (MICHELS, 1993, p. 244), segundo o Centro de Assistência Gerencial do Estado de Santa Catarina (CEAG).

Quanto a condição periférica, SILVA (1978) e o CEAG (1980) concordam plenamente, vindo a discordar quanto a: (i) periodização; (ii) acumulação de excedentes; (iii) ênfase no Empresário Pioneiro.

Segundo SILVA (1978, *apud* Michels, 1993, p. 45), a periodização segue a seguinte ordem cronológica: primeiro o período agro-exportador<sup>6</sup> que divide-se em colonial e imigração estrangeira; e o segundo definido pela economia urbano-industrial que sucede a década de 1930, e que também foi dividido em “*especialização urbano-regional de Santa Catarina - 1930-50 e a unificação do mercado do Centro-Sul e a inserção dependente de SC - 1950-70*” (Michels, 1993, p. 45).

O CEAG (1980) contradizendo o que afirmara SILVA (1978) define 3 (três) grandes períodos em que está historicamente determinada a periodização da economia catarinense, o primeiro período que é caracterizado pela agricultura de subsistência e posteriormente pela exportação de produtos agropecuários, inicia-se no século XVII terminando exatamente em 1850; o segundo definido como o período da indústria tradicional compreende 1850 a 1914; e o terceiro que marca definitivamente o aumento do coeficiente capital/trabalho é conhecido por indústria dinâmica. Quanto a acumulação de excedentes, SILVA (1978) citado por MICHELS<sup>7</sup> (1993, p. 43), determina:

---

<sup>6</sup> Sugestão para Leitura, veja: AX-WILHELM (1996).

<sup>7</sup> O autor publicou a sua dissertação em 1998 onde expõe as suas idéias contidas neste trabalho.

*"(...) três processos distintos: 1. - capitalização primário-periférica; 2. - capitalização devido a capacidade de inserção no processo de industrialização nacional; 3. - crescimento urbano cumulativo.";* enquanto *"para o CEAG o sustentáculo do processo de acumulação inicial em Santa Catarina deu-se através do comércio de importação e exportação, controlado pelos vendeiros"* (Michels, 1993, p. 74, grifo nosso).

Finalmente, o CEAG (1980) promove uma certa importância ao empresário inicialmente localizado no Estado de Santa Catarina ao contrário de SILVA (1978) que não o identifica e nem faz referências significativas.

## **2.2 Os Schumpeterianos**

Quanto aos schumpeterianos, o pressuposto central é que o único e exclusivo agente econômico responsável pelo desenvolvimento do nosso Estado é o empresário-imigrante europeu e seu descendente. Ocorre ainda uma divergência de alguns autores como *"(...) Cunha, Hering e Bossle, (que) refere-se à tentativa de ver a industrialização catarinense não relacionada com a economia nacional, isto é, não associada à acumulação cafeeira"* (MICHELS, 1993, p. 82), discordando portanto dos periféricos (i.e., de Etienne Luiz SILVA e do Centro de Assistência Gerencial do Estado de Santa Catarina), que afirmam que a economia catarinense dependia dos excedentes gerados pela economia do café do Estado de São Paulo e em parte no Estado do Rio de Janeiro.

Há algumas particularidades existentes entre os autores schumpeterianos, Cunha (1982, e 1992), por exemplo, considera pouco significativa a influência do eixo dinâmico Rio de Janeiro-São Paulo; HERING (1987) discute a acumulação de excedentes a nível regional; já Bossle (1988) enfatiza as características próprias do local; e por sua vez VIEIRA FILHO (1986) aceita *"(...) a existência de uma relação periférica da economia catarinense para com a nacional."* (MICHELS, 1993, p. 83), ou seja, o Estado de Santa Catarina



dependeu financeiramente da produção industrial e agropecuária do centro dinâmico brasileiro, o eixo Rio-São Paulo.

As divergências aqui resumem-se na periodização entre os autores, para Cunha (1982, e 1992), a análise sobre a economia do estado foi dividida a partir do ano de 1746-1945 e de 1945-1990. Já para HERING (1987) *apud* MICHELS (1993, p. 111), “os períodos que determinam a evolução da economia catarinense (...) são: 1. - 1820-1880 - Antecedentes da industrialização; 2. - 1880-1914 - Nascimento da indústria catarinense; e 3. - 1914-1945 - Expansão das empresas têxteis tradicionais do Vale do Itajaí.”

BOSSLE (1988) citada por MICHELS (1993), define o período iniciando-se a partir do século XVIII ao ano de 1880, um segundo período iniciado em 1880 indo até 1914, um terceiro de 1914-1920, o quarto representado pela década de 20, o quinto pela década de 30 e o último pelos anos de 1940 à 1945.

Primeiramente VIEIRA FILHO (1986) tratado por MICHELS (1993) menciona os anos de 1915-1920 e considera o período como sendo uma fase de expansão da indústria catarinense, descrevendo ainda a Guerra do Contestado (1912-1916) e a Reforma Tributária feita naquela mesma década.

Em relação ao período em que se deflagrou a Segunda Grande Guerra, admite a definitiva inserção da economia do Estado de Santa Catarina na economia nacional e promovendo “(...) alterações nos setores primários e terciários.” (MICHELS, 1993, p. 134). De 1950-1980, destaca a modernização do parque industrial catarinense, exigência das novas condições econômicas impostas ao país, sendo a principal “(...) a passagem do predomínio dos ramos tradicionais para os ramos dinâmicos da economia.” (MICHELS, 1993, p. 134).

## 2.3 Os Desenvolvimentistas

Dentre os desenvolvimentistas, ABREU (1954, 1956, 1970a, e 1970b) *apud* MICHELS (1993) defende que a elevação da produtividade depende da ajuda Estatal. Este autor, que idealizou o Modelo Empresarial Catarinense ou Modelo Empresarial do Estado de Santa Catarina, também foi adepto da idéia centro-periferia em que a solução correta para o problema fosse a Industrialização. Para ele, ABREU (1954, 1956, 1970a, e 1970b) *apud* MICHELS (1993), as necessidades do Estado catarinense (SC) seriam a integração estadual; a infra-estrutura; a modernização administrativa; e a modernização, expansão e diversificação agrícola local e da Indústria.

A solução para os problemas seria o planejamento administrativo, e do crédito e incentivos fiscais; mas apesar das 3 (três) soluções apontadas anteriormente, a ação Estatal seria complementar a participação da Ação Privada. MATTOS (1968, 1973, 1978, e 1986) similariza com ABREU (1954, 1956, 1970a, e 1970b) *apud* Michels (1993) na idéia centro-periferia e a solução que poderia ser a industrialização.

Segundo MATTOS (1968, 1973, 1978, e 1986), as ações do Estado estariam em "1. - Possibilitar ao empresário nacional o acesso ao financiamento externo; 2. - Auxiliar o empresário brasileiro na associação a grupos estrangeiros, via empréstimos e incentivos; 3. - Financiar programas de fusão e modernização de empresas"; mas apesar da tamanha importância do aparelho do Estado, para ele a ação deste é complementar (i.e., similaridade principal entre os Desenvolvimentistas) frente os desafios impostos pelo Desenvolvimento Catarinense.

MATTOS defende ainda a reprivatização dos serviços públicos como: transporte, limpeza e outros; e exclui a participação da força de trabalho no

desenvolvimento apontando o Estado como sinalizador<sup>8</sup> econômico. LAGO (1968, 1971, 1988, e 1991) de início exclui o conflito social de classes. As similaridades com ABREU e MATTOS (1968, 1973, 1978, e 1986) dizem respeito a: ação do Estado/empresário ocorre quando há necessidade; o empresariado é responsável pelo desenvolvimento.

Os problemas catarinenses existentes com infra-estrutura causam estrangulamentos nos transportes; solução é a ampliação do setor elétrico na região carbonífera. Também partilha da idéia da relação periférica do Estado de Santa Catarina em relação ao Estado de São Paulo e ao Estado do Rio de Janeiro. O autor também destaca a participação dos imigrantes europeus no processo.

Quanto a Secretaria do Desenvolvimento Econômico (1974), esta aponta a política desenvolvimentista com incentivos fiscais para a indústria de transformação como solução para os problemas no desenvolvimento catarinense que gera a crítica por parte de MICHELS (1993) que identifica a utilização por parte do empresariado da máquina estatal para enriquecer-se. MICHELS (1993) ainda critica o modelo de desenvolvimento catarinense (SC) que fornece ênfase no equilíbrio entre pequenas, médias e empresas de grande porte e as propriedades agrícolas; e finalizando também com críticas a concentração de: renda, capital, e a elevação das desigualdades sociais que ocorrem no processo.

## **2.4 Outras Contribuições**

As demais Contribuições Não Rotuladas referem-se aos autores MAMIGONIAM (1960, 1965, e 1986), CASTRO (1975), SINGER (1977). MAMIGONIAM defende que o desenvolvimento do Estado é devido ao processo

---

<sup>8</sup> CARNOY (1990) partilha da mesma idéia.

de acumulação de capital, onde os modestos excedentes agrícolas são reinvestidos a partir da pequena produção mercantil com influência da imigração europeia não portuguesa.

Neste caso os capitalistas que vieram foram os sem capital, ou seja, o imigrante e o vendeiro<sup>9</sup>. O autor, MAMIGONIAM, concorda com CASTRO (1975) no que diz respeito a desconcentração geográfica-econômica em que o Estado de Santa Catarina se encontrava dividido.

Também menciona a influência dos agentes já industriais vinculados ao comércio de exportação e importação, representação comercial e trabalhadores de escritório e os qualificados, mestres, operários e artesões. Armen MAMIGONIAM (1960, 1965, e 1986) crítica as teorias: periférica que trata o Estado de Santa Catarina (SC) como apêndice do Estado de São Paulo (SP) e da schumpeteriana que exalta o imigrante europeu não português.

Verificou ainda que o capital industrial predominante era o familiar e que a produtividade do trabalho eram justamente as que elevam a produção com redução da força de trabalho.

O autor defende que em função da distância de Blumenau aos grandes centros haviam altos custos com o transporte de mercadorias e insumos onde a única solução para o problema seria a produção com qualidade e especialização.

---

<sup>9</sup> O imigrante também enfatizado por: (1)- SILVA (1978). E o Vendeiro também enfatizado pelo: (2) - CENTRO DE ASSISTÊNCIA GERENCIAL (1980).

Questiona ainda o Modelo Catarinense de Desenvolvimento<sup>10</sup> ou Modelo de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina em função de identificar 4 (quatro) tipos de Estrutura Financeira:

- a) Controle acionário exterior a Blumenau;
- b) Maior parte dos capitais são blumenauenses e pertencem mais de 90% a 1 (uma) família;
- c) Maior parte dos capitais são blumenauenses e pertencem mais de 60% a 2 (duas) ou 3 (três) famílias;
- d) Maior parte dos capitais pertencem a várias famílias onde 1 (uma) é dominante (+25%). Michels (1993).

Ao contrário de MAMIGONIAM que vê na pequena produção mercantil o desenvolvimento catarinense, SINGER (1977) aponta a economia camponesa com crescente inserção no mercado nacional [i.e., da Federação Brasileira] através da evolução urbana (i.e., do êxodo rural), ou seja, da divisão do trabalho entre campo e cidade o responsável pelo processo.

Para ele SINGER (1977), o desenvolvimento também é função da participação do Estado, observa como SILVA (1978), CASTRO (1975) e MAMIGONIAM regiões diferentes e independentes economicamente no Estado de Santa Catarina e este apenas como "(...) *zona de passagem entre São Paulo e Rio Grande do Sul.*" (MICHELS, 1993), não existindo 1 (um) centro polarizador (mas vários, entre eles: Joinville, Florianópolis, Blumenau, Criciúma, Lages, e Chapecó) e permanecendo até a década de 1960 como uma economia baseada sobretudo na agricultura com pouca ou restrita industrialização.

O autor, ou seja, SINGER (1977) aponta que Blumenau por ser Economia Camponesa dever-se-ia esta sofrer uma mudança passando do estágio Industrial Subsistência-Artesanato para Mercado-Indústria. Para CASTRO

---

<sup>10</sup> O Modelo Empresarial Catarinense idealizou o Equilíbrio Financeiro existente entre as micro, pequenas, médias e empresas de grande porte. In: MICHELS (1993).

(1975)<sup>11</sup> a integração da cidade de Blumenau com o mercado consumidor nacional (i.e., da Federação Brasileira) dar-se-ia através da produção de bens superiores.

O agente econômico e social seria então a indústria regional (que teve grande participação na substituição de importações), e que prestou serviços a indústria central.

O autor aponta que o relacionamento desta indústria com a indústria central (i.e., devido a solicitação) é que proporcionaria o desenvolvimento ao Estado; em Blumenau portanto só havia uma filial de 1 (uma) grande empresa, a Souza Cruz, que solicitava produtos ou serviços das indústrias regionais gerando economias de aglomeração.

E para MICHELS (1993), os responsáveis pelo desenvolvimento foram o Estado e a superexploração da mão-de-obra assalariada.

Concluindo, podemos observar que dentre as teorias que tentaram explicar o desenvolvimento sócio-econômico do Estado de Santa Catarina a teoria schumpeteriana considerou o imigrante europeu o principal e o único Agente Social responsável pelo crescimento econômico alcançado no período de 1828 á 1940.

---

<sup>11</sup> In: MICHELS (1993).

### CAPÍTULO 3

#### HISTÓRIA ECONÔMICA DA REGIÃO SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Primeiramente inicia-se uma abordagem sobre São Pedro de Alcântara, na época da sua fundação parte do município de São José, o ponto de partida no processo colonizatório.

Isso é feito pela análise das colônias que formavam ou integravam o núcleo colonial São Pedro de Alcântara. A tabela 1 lista os municípios atuais que originaram-se da colônia São Pedro através dos movimentos migratórios.

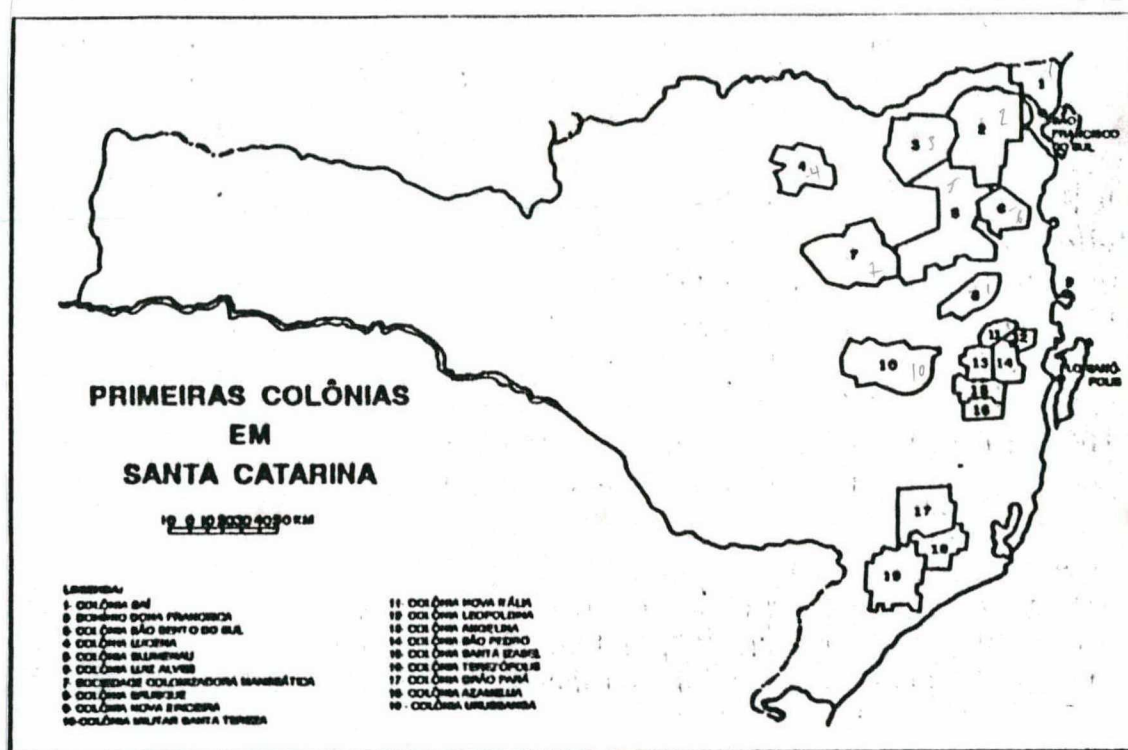
Abaixo uma tabela para efeito de esclarecimento visual:

Tabela n. 1

Ordem	Atuais Municípios
01	Águas Mornas
02	Alfredo Wagner
03	Angelina
04	Anitápolis
05	Antônio Carlos/Alto Biguaçu
06	Bom Retiro
07	Major Gercino
08	Rancho Queimado
09	Santo Amaro da Imperatriz
10	São Bonifácio
11	São Pedro de Alcântara

Neste capítulo portanto, será abordada a parte da história econômica que cabe a região São Pedro que pode ser vista pelo mapa n. 1. Dos atuais municípios serão estudados por conta da literatura disponível: Antônio Carlos, Águas Mornas e São Pedro de Alcântara.

Mapa n. 1: Primeiras colônias em Santa Catarina.



Legenda do mapa n. 1: mapa das colônias de SC

1 – Colônia Saí, 2 – Domínio Dona Francisca, 3 – Colônia São Bento do Sul, 4 – Colônia Lucena, 5 – Colônia Blumenau, 6 – Colônia Luiz Alves, 7 – Sociedade Colonizadora Hanseática, 8 – Colônia Brusque, 9 – Colônia Nova Ericeira, 10 – Colônia Militar Santa Tereza, 11 – Colônia Nova Itália, 12 – Colônia Leopoldina, 13 – Colônia Angelina, 14 – Colônia São Pedro de Alcântara, 15 – Colônia Santa Isabel, 16 – Colônia Theresópolis, 17 – Colônia Grão Pará, 18 – Colônia Azambuja, 19 – Colônia Urussanga.

### 3.1 Águas Mornas

Alguns fatores de caráter geográfico como relevo acidentado<sup>12</sup>, terras pobres e não férteis levaram algumas famílias a fundarem em 1837 a Colônia Vargem Grande. *“Da primeira Colônia alemã, fundada em Santa Catarina, São Pedro de Alcântara, originaram-se outras com imigrantes descendentes desta em busca de melhores terras ou de maiores vantagens”* (JOCHEM, 1992, p. 59).

<sup>12</sup> Diário Catarinense, 16 abril 1998. P. 24. Estes fatores serão mencionados de forma expressiva no Capítulo 5.



Segundo Toni Vidal JOCHEM (1992), havia no lugar 43 (quarenta e três) imigrantes alemães e 01 (um) imigrante dinamarquês. *“Desses, 26 eram do sexo masculino e 18 do feminino, de diversas idades e profissões”* (JOCHEM, 1992, p. 60). *“As terras de Vargem Grande, férteis e bem situadas, estavam sob direção do Coronel Joaquim Xavier Neves, que residia na Vila de São José e era o representante do Governo Provincial na colônia”* (JOCHEM, 1992, p. 61).

De acordo com Toni Vidal JOCHEM (1992) a Colônia Vargem Grande é caracterizada geograficamente por um vale extenso e de base larga que se estreita um pouco na parte central. *“Para o norte, o vale é fechado por uma serra de mediana altura que dá passagem apenas ao Rio Cubatão”* (JOCHEM, 1992, p. 61).

No ano de 1853 haviam na colônia 117 moradores estrangeiros. A fundação de *Löffelscheidt* no ano de 1847 foi caracterizada pela colonização de colonos imigrantes alemães *“(...) originária da região de Loeffelscheidt, que naquele tempo não passava de uma pequena aldeia de Hunsrück”* (JOCHEM, 1992, p. 103), Renânia-Palatinado, Confederação de língua alemã.

Geograficamente o território do núcleo colonial *Löffelscheidt* era caracterizado por possuir características próprias onde:

*“As terras são mais férteis do que se costuma supor, embora não sejam de primeira qualidade. Desde os primeiros anos, os moradores vendem regularmente boa quantidade de produtos agrícolas no mercado de Florianópolis. As matas eram no princípio muito ricas em animais. Além de veados e antas, havia capivaras, porcos do mato, coatis, macacos, bugios e tamanduás - bandeira e mirim. As pacas eram relativamente raras. Eram numerosos os representantes da classe das aves, como macucos, jacus, inhambus, jacubembas e urus, bem como tucanos, pombas e papagaios.”* (JOCHEM, 1992, p. 104, grifo nosso).

Apesar de tudo a escassez de terras levou os imigrantes a buscarem outra localidade para morar, como a Colônia Vargem Grande, a Colônia Santa Isabel, Teresópolis e mais tarde Braço do Norte, e Rio do Sul/Bella

Alliança/Südarm<sup>13</sup>. A fundação da Colônia Santa Isabel deu-se em 1847, quando "(...) o *Governo Imperial* autorizou (...); localizada sobre o rio dos Bugres, tributários do Rio Cubatão, acima da colônia de Vargem Grande, no quilômetro 43 da estrada para Lages. Mas a localidade destinada à fundação do novo núcleo colonial já havia sido "descoberta" quatro anos antes, em 1843, quando Gaspar Xavier Neves, residente em São José, foi "com alguns homens de seu serviço à Fazenda de seu pai o Coronel Joaquim Xavier Neves, à caça de antas, entraram pelo mato e descobriram a vargem do rio dos Bugres, (...)." (JOCHEM, 1992, p. 75).

A colônia foi formada com imigrantes vindos em 3 (três) levas colonizadoras. Sendo que:

"A primeira chegou a Desterro em 28 de dezembro de 1846, no bergantil "Vênus", com 114 pessoas; a segunda aportou na sumaca "14 de Novembro", em março de 1847, com 79 imigrantes; e a terceira na galeota belga "Jean de Lacquenghien", com 64 imigrantes (13 famílias e 3 homens solteiros), os da terceira remessa eram todos protestantes. Estes últimos, segundo o jornal de bordo publicado em Antuérpia, no dia 12 de junho de 1847, destinavam-se à Província do Rio Grande do Sul, para onde, de fato, se dirigiam os outros 27 imigrantes, do total de 91, que vieram com a galeota belga" (JOCHEM, 1992, p. 78).

Como mostra JOCHEM (1992), a terra da Colônia Santa Isabel não era muito fértil, no entanto era montanhosa. Apesar disto plantava-se de tudo. Em 1864 a população era de 1.153 habitantes, sendo que 565 eram católicos, e 588 protestantes. Os brasileiros compreendiam 266 habitantes e os estrangeiros 887. O ramo industrial estava presente com vários tipos de empresas existentes dentro dos vários tipos de indústrias existentes na região.

Abaixo vejamos:

As indústrias da Colônia estavam representadas, em 1864, por:

Engenhos de farinhas: ..... 23;  
Engenhos de cana: ..... 05;  
Moendas de fubá: ..... 04;  
Ferrarias: ..... 03;  
Fábricas de cerveja: ..... 01;  
Olarias de tijolos e telhas: ... 02;  
Casas de negócios: ..... 12;<sup>14</sup>

<sup>13</sup> CARDOSO (1991).

<sup>14</sup> JOCHEM (1992, p. 84).

Os empreendedores estavam presentes na colônia, contudo, em menor número quando comparadas as Colônias de Blumenau, vejamos:

Além disso, em 1864, a Colônia era composta por: 14 Alfaiates, 04 Colxoeiros, 08 Cutileiros, 12 Construtores de casas, 03 Fabricantes de charutos, 04 Fabricantes de cerveja, 19 Carpinteiros, 12 Funileiros, 06 Marceneiros, 06 Ferreiros, 10 Oleiros, 16 Pedreiros, 03 Pintores, 22 Sapateiros, 04 Sirigueiros, 12 Taberneiros, 05 Tamanqueiros, 02 Seleiros e 03 Tintureiros” (JOCHEM, 1992, p. 84).

De acordo com JOCHEM (1992), a área total da colônia era de 26.413 hectares de terras, sendo que destes apenas 2.368 hectares eram produtivos, onde plantava-se de tudo e eram criados gado, cavalos, mulas, vacas, porcos, cabras e aves. A colônia Theresópolis foi fundada

“as 18 de novembro de 1859, (quando) o Governo Imperial mandava instalar uma Colônia para 40 famílias alemãs “a 48 km da capital sobre a estrada de Lages” a partir do Rio do Cedro, afluente do Rio Cubatão, em demanda a oeste, na Província de Santa Catarina” (JOCHEM, 1992, p. 131).

Segundo JOCHEM (1992) em 06 de janeiro de 1860, o Sr. Joaquim José de Souza Corcoroca, agrimensor, juntamente com cinco auxiliares mediu e demarcou as terras para torná-las propícias a colonização européia no lugar ou localidade. No mês de março de 1864, a colônia de Theresópolis possuía 1.498 habitantes, sendo que destes 891 eram católicos e 607 protestantes; mostrando assim a predominância dos católicos apostólicos romanos sobre os protestantes (evangélicos luteranos e luteranos).

JOCHEM (1992, p. 138) destaca que:

A Colônia possuiu em 1864:  
Alfaiates: .....08;  
Carpinteiro: .....07;  
Ferreiros: .....02;  
Funileiro: .....01;  
Marceneiros: .....07;  
Negociantes: .....04;  
Pedreiros: ..... 02;  
Sapateiros: .....07;  
Tamanqueiros: ..... 06;  
Tanoeiro: ..... 01.

É mencionado ainda o problema da má qualidade das terras dos colonos que habitavam o Cubatão - 1 (uma) das 6 (seis) localidades da colônia (i.e., Cubatão, Rio Novo, Cedro, São Miguel, Salto, e Capivari) - e que foram retirados da área e levados para outro lugar; este lugar chamava-se Capivari.

Em 1866 Theresópolis contava com:

“os terrenos cultivados (que) ocupam a extensão de 2.425.500 braças quadradas de plantações e 991.600 braças quadradas de pastos. Proporcionalmente aumenta o gado e os colonos parte introduziam e parte criaram.

Tem na Colônia:

Cavallar: .....	204;
Muar: .....	217;
Vaccum: .....	847;
Cabras: .....	507;
Suínos: .....	1406;
Aves domésticas: .....	9931.”

(JOCHEM, 1992, p. 142).

Também no ano de 1869, a Colônia Theresópolis possuía 1 (uma) fábrica de charutos, 1 (uma) charqueada, 8 (oito) moinhos, 3 (três) cervejarias, e 2 (duas) olarias para telhas e louças de barro (MATTOS, 1917, p. 75 *apud* JOCHEM, 1992, p. 143). Em 1863 vieram imigrantes de língua alemã de Schlesien (i.e., Silésia) e Vestfália e se dirigiram para a localidade de Rio Salto, mas como as terras do lugar não eram de boa qualidade estes imigrantes se deslocaram para o Vale do Braço do Norte, o que traduz das 6 (seis) localidades da Colônia, 2 (duas) tinham terras de qualidade indesejável<sup>15</sup>.

A produção de Theresópolis era constituída por produtos diversificados, todos produtos agropecuários voltados para a Região consumidora de Desterro, como podemos ver abaixo:

“A Colônia produzia banha, toucinho, lingüiça, feijão e milho, entre outros produtos. Estes, por sua vez, eram levados de cargueiro até Palhoça, sendo ali deixadas as mulas, os produtos eram embarcados em uma grande lancha que, mediante o pagamento do frete, era levado para Florianópolis para ali ser vendido.” (JOCHEM, 1992, p. 145 e 146, grifo nosso.)

<sup>15</sup> JOCHEM (1992, p. 144).

Alguns fatores, como a transformação de núcleo colonial em Distrito, a emigração (i.e., para São Bonifácio, Capivari, Vargem Grande, e Anitápolis), falta de estradas [i.e., a Infra-estrutura tanto preconizada por JARAMILLO (1986)], as terras inférteis e o descaso do governo da Província de Santa Catarina levaram mais tarde a colônia a decadência.

### 3.2 Antônio Carlos/Alto Biguaçu

REITZ (1988), descreve e narra a história de Antônio Carlos. Da imigração de língua alemã, libanesa de língua árabe, portuguesa/açoriana, e africana proveniente de Angola. Este autor discute o povoamento do Alto Biguaçu, antigo nome do atual Município de Antônio Carlos, Estado de Santa Catarina. Segundo REITZ (1988, p. 42), em setembro de 1830 ocorreu o início da colonização de língua alemã e dialetos no território, enquanto em "(...) 1845, (ocorreu a) ocupação pelos açorianos das terras do Iguazu (...)." (REITZ, 1988, p. 44).

Quando os portugueses/açorianos<sup>16</sup> possuíam escravos negros angolanos africanos, "*os agricultores de ascendência germânica capitalizaram-se pelo esforço de seu trabalho familiar, constante, livre e produtivo.*" (REITZ, 1988, p. 44, grifo nosso)<sup>17</sup>.

Os libaneses também contribuíram para a colonização no lugar, sendo introduzidos em Antônio Carlos, Estado de Santa Catarina, Brasil, no início do século XX.

### 3.3 São Pedro de Alcântara

---

<sup>16</sup> Esta análise é justificada e encontrada em: SENNA (1995).

<sup>17</sup> De acordo com REITZ (1988, p. 58), as Colônias Teutas jamais adotaram e até proibiram o comércio de Escravos e a utilização na lavoura.

Com a vinda de 635 (seiscentos e trinta e cinco) imigrantes de língua alemã a São Pedro de Alcântara<sup>18</sup> em 1828 iniciou-se a colonização européia não-portuguesa, ou seja, predominantemente de língua alemã e dialetos no Estado de Santa Catarina, Brasil, ou Federação Brasileira, apesar de que a ocupação propriamente dita ter-se iniciado:

“felizmente no início de março de 1829, a comando de Silvestre José dos Passos, já faziam os colonos a derrubada da mata virgem, para a instalação e acomodação dos primeiros imigrantes. Árvores seculares, floresta invia, toda espécie de dificuldades, lá estava o pequeno e indefeso imigrante, com machado nas mãos, lutando pela própria sobrevivência.” (JOCHEM, 1992, p. 41, grifo nosso.)

Este núcleo estava localizado a uma distância de 5 (cinco) léguas da sede São José, estando à margem esquerda do referido Rio Maruim, Albuquerque e Mello, presidente da Província de Santa Catarina, em homenagem a Família Imperial, denominou-o “Colônia São Pedro de Alcântara.” *E: A data de sua efetiva fundação é o domingo 1º. de março de 1829. A colônia, entretanto, começara mal; a lei de 15 de dezembro de 1830, em seu artigo 4º., aboliu as despesas com a colonização estrangeira deixando-a entregue à própria sorte.*” (JOCHEM, 1992, p. 41.)

O que demonstra já no Século XIX a grande importância que o Estado<sup>19</sup> possui na criação da infra-estrutura de base para proporcionar o arranque econômico de uma determinada região. Quanto a população podemos observar que:

“Se em setembro de 1830 São Pedro de Alcântara tinha 522 habitantes, em dezembro estava com 652; em 1847, com 742; em 1854, com 1.500. Isto demonstra, afinal, que, apesar de tolhida em sua evolução por um gravame histórico, a colônia não encolheu, mesmo depois de abandonada, logo de início, por um determinado número de famílias fundadoras<sup>20</sup>.”

<sup>18</sup> Segundo: REITZ (1991, p. 23). Santa Bárbara - localizada dentro do Núcleo Colonial de São Pedro - é que foi o primeiro povoado de língua alemã no Estado de Santa Catarina, fundado em 1829, e não São Pedro de Alcântara, ou seja, a Sede.

<sup>19</sup> Segundo JARAMILLO (1986), é o Estado quem cria os Meios de Consumo Coletivos indispensáveis a Acumulação de Capital em Geral. E também no Programa de manutenção do Sistema de Prevenção as enchentes como ocorre no SIL Blumenau. Sugestão para Leitura: GHITRO (1984).

<sup>20</sup> SCHMIDT (1989).

Um fato interessante é que em 1854 havia na colônia mais de 30 (trinta) escravos negros africanos<sup>21</sup>, mas não fez com que a economia do lugar fosse escravista<sup>22</sup>, pois, foi usada mão-de-obra familiar (i.e., do imigrante) na lavoura. A imigração para São Pedro de Alcântara foi européia, ou seja, de língua alemã, língua luxemburguesa, predominantemente, além de alguns grupos de holandeses e dinamarqueses.

### 3.4 Conclusão

Concluindo, podemos ver que a situação da região São Pedro de Alcântara era pessimista em função da má qualidade das terras, da falta de Infra-estrutura de transporte, da falta de uma via natural de escoamento de produção agrícola, ou seja, de horti-fruti-granjeiros. Esta situação também foi formada pelo reduzido número de empreendedores, ou seja, de artesões e do descaso do Governo Imperial que sem recursos no orçamento do Brasil, primeiramente lançou mão no corte de recursos voltados a colonização estrangeira no Brasil como um todo. Em todos os casos estes fatores de várias ordens, como fatores geográficos, econômicos, étnicos dentre outros fizeram que esta região estagnasse ao longo do século XIX.

Em contraposição a outros núcleos coloniais colonizados por imigrantes provenientes das mesmas ou parecidas ou com afinidades européias, como por exemplo, a Região Blumenau: Blumenau, Brusque, Dona Emma, Guabiruba, Presidente Getúlio, entre outros, que estudaremos agora no capítulo 5 do presente trabalho, que procura desvendar a dúvida se a teoria schumpeteriana consegue explicar porque o SIL Blumenau prosperou e o SIL São Pedro de Alcântara estagnou economicamente.

<sup>21</sup> PIAZZA (1983, p. 247).

<sup>22</sup> RBS. Programa Santa Catarina por inteiro (1998). Os Escravos na verdade foram utilizados pelo Governo na construção de estradas, pontes, ou seja, a Infra-estrutura de transporte.

## CAPITULO 4

### HISTÓRIA ECONÔMICA DA REGIÃO BLUMENAU

Neste capítulo, será abordada a parte da história econômica que cabe aos atuais municípios da região Blumenau. Primeiramente, iniciando-se com uma abordagem sobre Blumenau, o também ponto de partida no processo colonizatório, passando a uma análise de todas as colônias que formavam ou integraram o Núcleo Colonial Blumenau; sendo esta análise feita em ordem alfabética.

Tabela n. 2

Ordem	Atuais Municípios
01	Agrolândia
02	Apiuna
03	Ascurra
04	Atalanta
05	Aurora
06	Blumenau
07	Botuverá
08	Braço do Trombudo
09	Brusque
10	Curitibanos
11	Dona Emma
12	Doutor Pedrinho
13	Fraiburgo/Freiburg
14	Gaspar
15	Guabiruba
16	Ibirama/Hammonia-Itajaí Hercílio
17	Imbuia
18	Indaial
19	Ituporanga/Salto Grande
20	Leoberto Leal
21	Lontras
22	Mirim Doce
23	Nova Trento
24	Petrolândia
25	Pommerode



26	Ponte Alta do Norte (continuação)
27	Presidente Getúlio/Neu-Breslau/Neu-Zürich
28	Presidente Nereu
29	Pouso Redondo
30	Rio do Campo
31	Rio do Sul/Bella Aliança/Südarm
32	Rio dos Cedros
33	Rodeio
34	Salete
35	Santa Cecília
36	São Cristóvão do Sul
37	Taió
38	Trombudo Central
39	Vidal Ramos
40	Vitor Meirelles/Alto do Rio Dollmann
41	Wittmarsum

#### 4.1 Apiúna

De acordo com PIAZZA (1983, p. 376), o atual município de Apiúna-SC, foi colonizado por imigrantes italianos, austríacos de língua italiana e alemã, alemães e poloneses.

#### 4.2 Ascurra

Conforme FINARDI (1976, p. 25), Ascurra foi inserida nos livros de história com *“a entrega oficial dos primeiros dez lotes dessa linha colonial, entretanto, só se deu a 15 DE NOVEMBRO DE 1876, com a assinatura e entrega, nessa data, dos respectivos contratos de venda, pelo próprio Dr. Blumenau.”* Na verdade, o fundador do município foi o imigrante de língua italiana, Giovanni BUZZI. A localidade foi colonizada sobretudo por italianos vindos do norte da Itália e do Tirol Austríaco (i.e., *Südtirol*) até 1919 quando passou a ser administrado pela Itália.

#### 4.3 Blumenau

A Colonização de Blumenau<sup>23</sup> iniciou-se no papel em 26 de março de 1848, quando o Dr. Blumenau<sup>24</sup> oficializou à Presidência do Governo Catarinense, a intenção de colonizar uma parte do território de Santa Catarina carente de braços fortes com objetivo de produzir bens e serviços para a população existente, ou seja, *“o colono tinha gastos com a compra de sal, café, querosene, medicamentos, vestuário, calçados e ferramentas agrícolas. Ao professor, cumpria pagar a mensalidade escolar. À empresa Colonizadora, as prestações pela compra do terreno. Ao Estado, os impostos, cobrados ao colono assim que estivesse estabelecido (cf. Museu dos Pioneiros E. C. Thiesen, nr. 168). À Igreja, as taxas de missa, batizados e casamentos.”* (KOCH, 1999, p. 17.)

Para maior visualização do assunto tratado: *“Em junho de 1850 embarcam para o Brasil, com destino à colônia “Blumenau”, no veleiro “Christian Mathias Schroeder”, 17 emigrantes, que desembarcaram no porto de Desterro, após 72 dias de viagem, tendo a guiá-los um sobrinho do próprio Dr. Hermann Blumenau. Chegam à colônia a 02 de setembro.”* (PIAZZA, 1983, p. 335). Em 1850 entraram na colônia 17 imigrantes, em 1851 foram 08, no ano seguinte eram 110, em 1853 o número foi de 28 apenas, elevando-se para 146 em 1854, caindo posteriormente a 34 no outro ano, aumentando em 1856 para 204, diminuindo depois a 199 no ano de 1857, reduzindo-se para 82 no ano posterior e sendo só de 29 imigrantes em 1859<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Segundo DALL'ALBA (1983, p. 106), para se ter uma idéia, de 1850 à 1897, durante 47 anos, entraram na Colônia Blumenau aproximadamente 19.000 imigrantes, destes 52,68% foram alemães; 7,01% foram italianos; 8,0% foram trentinos e bozanos; 13,51% foram russos; 8,75% foram poloneses; 3,24% austríacos; 3,82% húngaros; 0,94% suecos; 0,7% foram belgas; 0,32% foram suíços; 0,12% brasileiros; 0,005% foram portugueses; e 0,86% foram de outras etnias ou nacionalidades.

<sup>24</sup> Hermann Bruno Otto Blumenau nasceu na cidade de Hasselfelde, em 26-12-1819, no Ducado de Braunschweig, Confederação Alemã, atualmente Alemanha-União Européia.

<sup>25</sup> De acordo com PIAZZA (1983, p. 336), foi proibida a utilização de escravos na lavoura e na produção artesanal.

Segundo o autor, a Colônia "Blumenau" tendia a ser auto-suficiente na produção de bens e serviços<sup>26</sup>, pelo fato de possuir 05 engenhos de farinha, 05 engenhos de açúcar, 03 alambiques, 02 moinhos de milho, 02 engenhos de serrar, 01 fábrica de vinagre, 01 fábrica de cerveja e 01 olaria<sup>27</sup>.

Uma questão importante é que nem todos os imigrantes foram agricultores<sup>28</sup>, o que justifica dizer que esta peculiaridade de Blumenau fez com que no futuro (1999) a colônia que passaria a ser município em 1880, seria considerada o 2º. (segundo) do Estado de Santa Catarina mais industrializado só ficando atrás de Joinville<sup>29</sup>, a sede.

Em 1860, a Colônia Privada passava para a administração estatal<sup>30</sup>, ficando o Dr. Blumenau apenas como Diretor da colônia.<sup>31</sup> Como mostra PETRY (1996, p. 9): *"foi neste período que a colônia se firmou, enraizou e estabeleceu os alicerces para o seu desenvolvimento posterior. Ao longo dos ribeirões e rios do Vale do Itajaí, se fixaram novos imigrantes. O crescimento e a diversificação<sup>32</sup> de atividades produtivas foram elementos de relevância para a transformação da colônia em Município."*

---

<sup>26</sup> O que contraria SINGER (1977), por este estudioso afirmar que Blumenau passava pelo problema de ter uma Balança Comercial negativa, e ser caracterizada pelo auto-consumo e não se inserir na Divisão Nacional do Trabalho.

<sup>27</sup> PIAZZA (1983, p. 337).

<sup>28</sup> Havia também os imigrantes que trabalhavam no artesanato; no comércio; no transporte de bens e serviços; dentre outras atividades.

<sup>29</sup> PIAZZA & HUEBENER (1987, p. 67).

<sup>30</sup> JARAMILLO (1986), afirma que os meios de consumo coletivos não podem ser providos pelo capital individual, o que justifica a passagem do controle particular para o controle do Estado.

<sup>31</sup> Na verdade já se esperava isso, pois, o Dr. Blumenau (que não era banqueiro) tinha apenas 15.000 táleres prussianos (i.e., do Reino da Prússia-Confederação Alemã) o que equivalia a 45.000 marcos alemães, enquanto o Governo Imperial possuía muitas formas de financiamento o que facilitou a administração bem mais eficaz da colônia, o que é fundamentado por JARAMILLO (1986).

<sup>32</sup> A diversificação da economia poderia ser a solução apontada por MAMIGONIAM (1960, 1965, e 1986) e CASTRO (1975) para Blumenau superar suas dificuldades financeiras.

↙ Mas em 1875 começa a existir uma imigração italiana, e austríaca de língua italiana para Blumenau, principalmente do norte, área até então sobre administração política e jurídica do Império Austro-Húngaro<sup>33</sup>, o que faz com que atualmente (1999) 23% da população de Blumenau - sede - ser descendente destes imigrantes provenientes da Itália e do Tirol do Sul, *Südtirol*.

Quanto a religião na época da imigração, ou seja, na década de 80 do século XIX, dos 16.380 blumenauenses, 10.088 eram evangélicos luteranos e luteranos, (61,5%), e 6.290 católicos apostólicos romanos, (35,5%)<sup>34</sup>.

Blumenau foi sem dúvida alguma favorecida geograficamente por ser banhada por um rio, o rio Itajaí-açu<sup>35</sup>, ou seja, através deste exportava a sua produção agrícola e industrial artesanal, numa época onde não havia rodovias abertas e em bom estado de se transitar, representando deste modo um custo de transporte mais barato<sup>36</sup>.

Tanto que em 1877 foi fundada a Companhia de Navegação Fluvial Itajaí-Blumenau<sup>37</sup>. Os produtos mais exportados foram açúcar, aguardente, charutos, madeiras serradas<sup>38</sup>, araruta, manteiga e couros.

Na Região Blumenau, o mundo dos negócios também viveu da comercialização de informações como instrumento econômico de valorização da

---

<sup>33</sup> Administrado pelos HABSBURG.

<sup>34</sup> PIAZZA (1983, p. 340).

<sup>35</sup> Em 04 de março de 1857 navegou pelo rio Itajaí-açu a primeira embarcação a Vapor, foi o barco de Guerra São Pedro, de acordo com: UFSC (1996).

<sup>36</sup> SMITH *apud* SENNA (1995), confirma este fato ao afirmar a facilidade com o transporte de mercadorias quando há um meio natural de se fazê-lo, como através de um rio, ou lago, ou oceano.

<sup>37</sup> PIAZZA & HUEBENER (1987, p. 68). Apesar de Armen Mamigoniam afirmar que em relação ao eixo Rio - São Paulo o custo de transporte foi elevado.

<sup>38</sup> O principal Mercado Consumidor de madeiras serradas era a Europa, sobretudo a Alemanha, dentre outros países.

cultura e como instrumento social de valorização da comunicação social dentro da sociedade blumenauense.

Alguns jornais<sup>39</sup> da Região Blumenau:

Tabela n. 3

Lugar	Data do 1º. Número	Nome Oficial	Língua	Forma
Blumenau	?	Blumenauer Zeitung <sup>40</sup>	Alemã	?
?	02-11-1852	Der Beobachter am Mathias - Strom	Alemã	Manuscrito
Blumenau	05-04-1883	Immigrant	Alemã	Impresso
Blumenau	12-08-1892	A Gazeta do Itajaí	Portuguesa	Impresso
Blumenau	16-07-1893	Der Urwaldsbote	Alemã	Impresso
Hammonia	08-10-1904	Der Hansabote	Alemã	Impresso

Podemos observar acima que a indústria da informação<sup>41</sup> utilizava como estratégia competitiva a impressão dos jornais da época em mais de 01 (um) idioma, já existindo portanto um jornal impresso em língua portuguesa em 1892, 42 (quarenta e dois) anos após a fundação.

#### 4. 4 Brusque

Brusque foi fundada oficialmente em 04-08-1860 pelo Barão Maximilian de Schnéeburg<sup>42</sup> e por 10 (dez) famílias de imigrantes alemães, dentre elas, as de: August Höfelmann, Johann Wilhelm, Frederick Wilhelm Neuhaus, Johann Joseph Scharfenberg, Frederick Ortmann, Johann Boiting, Jakob Morsch, Johann Ostendarp, Daniel Walther e Ludwig Richter.

De acordo com CABRAL (1960, p. 273), havia em 1862 na localidade empreendedores de todos os tipos e em maior número quando relacionado com São Pedro de Alcântara:

*"(...) 3 marceneiros, 5 carpinteiros, 2 carpinteiros dedicados à construção de carros, 3 pedreiros, 1 canteiro, 2 oleiros, 6 alfaiates, 8 sapateiros, 4 ferreiros, 1 arneiro*

<sup>39</sup> UFSC (1996).

<sup>40</sup> LIMA, (1999).

<sup>41</sup> SALVADOR (1989).

<sup>42</sup> Filho de Joseph Johann VON SCHNÉEUBURG e Bárbara Lindeck VON LILIENAN.

(espingardeiro), 1 funileiro, 3 tecelões, 1 relojoeiro, 1 ourives, 2 mineiros, 5 padeiros, 4 músicos, 1 curtidor e 2 jardineiros.”

Vejamos abaixo o quadro com uma estimativa da população (por nacionalidade) da colônia em 1864: Tabela n. 4

Nacionalidade <sup>43</sup>	Nacionalidade <sup>44</sup>	Número
alemã	badensa	619
	prussiana	182
	Holsteina	80
	oldenburguesa	65
	bávara	50
	schwartzburguesa	09
	Nassauensa	04
	Meklenburguesa	02
	Hessenina	20
	hannoverina	13
	saxônia	07
	lauenburguesa	05
	Wuertenburguesa	05
	brunswiguês	04
holandesa		11
suíça		01
francesa		07
austríaca	Tirolesa	12
brasileira		11
portuguesa		11
sueca		01
grega		01

Passados 11 (onze) anos, o núcleo colonial contava com 2.310 alemães, 1.114 austríacos, 966 brasileiros, 68 franceses, 36 ingleses, 25 espanhóis, 18 italianos, 18 portugueses, 07 belgas, 06 holandeses e 22 pessoas de outras nacionalidades<sup>45</sup>. Um fato importante é que no ano de 1892 foi instalada a

<sup>43</sup> Este questão se traduz no fato de que em 1864 não existia uma Alemanha só, pois, a Alemanha viria a ser um país unido apenas em 18-01-1871, unificada por Otto Von Bismarck, o 1º. Ministro, mas que foi idealizada pelo economista Friedrich List expoente da “Escola Histórica”; portanto, os imigrantes de língua alemã foram provenientes da Confederação Alemã, recriada depois do Congresso de Viena (1814-1815).

<sup>44</sup> CABRAL (1960, p. 262).

<sup>45</sup> CABRAL (1960, p. 268).

primeira fábrica de tecidos por Carlos Renaux, Paulo Höpcke e Augusto Klapoth. Na verdade só Carlos Renaux administrou o empreendimento posteriormente, auxiliado por tecelões alemães<sup>46</sup> e poloneses provenientes de Lodz na Polônia.<sup>47</sup>

#### 4.5 Dona Emma

Segundo DIRKSEN (1996, p. 46), Dona Emma foi fundada em 1919, e as duas primeiras famílias a chegarem ao núcleo colonial foram as de Andreas Schwarz, alemão/russo e de Albert Koglin, alemão.

As outras famílias a se estabelecerem na localidade de Dona Emma foram as de Heinrich Ax, alemão/prussiano/vestfaliano, e de Heinrich Hochstein, alemão/prussiano/vestfaliano, em 1920.

Mais tarde chegaram outros imigrantes alemães, russos de língua alemã<sup>48</sup>, italianos e outros. De acordo com AX (1992, p. 6), podemos observar o número de estabelecimentos comerciais que existiam em Dona Emma em 1929; vejamos a tabela abaixo: Tabela n. 5

Tipo de Estabelecimento	Número
Hotel	02
Venda (Comércio)	03
Serraria	06
Laticínio	01
Açougue	03
Ferraria	01
Olaria	01
Curtume	01
Barbeiro	01
Moinho	03

<sup>46</sup> Para maiores esclarecimentos veja, GOULART (1984, p. 53).

<sup>47</sup> CABRAL (1960, p. 300).

<sup>48</sup> Os russos de língua alemã, na verdade, eram alemães de nacionalidade russa, pois, não se consideravam Russos, estes foram para a Rússia no século XVIII, com Catarina, "A Grande", que era uma Princesa Alemã/Prussiana da Casa Anhalt-Zerbs.

Contudo, observamos que o setor primário (i.e., agricultura de subsistência e a atividade florestal extrativista) constituía a base da economia deste núcleo colonial, sendo que o setor secundário (i.e., a indústria e/ou agroindústria) estava representada pelo: Curtume; Moinho; Laticínio; Serraria; Olaria. O setor terciário (i.e., os Serviços, ou Comércio) esteve representado pelo: Barbeiro; Ferraria; Venda; Hotel; e Açougue.

#### 4. 6 Gaspar

Gaspar foi fundada por alguns imigrantes europeus, dentre os quais: Karl Höschl, Adolph Altemburg, Júlio Gärtner, Bruno Wehmuth e Adam Schmitt.

Mas para isso:

“o que se tem certeza, no entanto, é que, quando o Dr. Hermann Blumenau, em janeiro de 1848<sup>49</sup>, subiu pela primeira vez, o rio Itajaí - açu para assentar os alicerces da importante colônia que, três anos mais tarde, fundaria, já encontrou imigrantes europeus (alemães e belgas) ao longo das margens do mesmo rio. Havia-os também nas proximidades do local onde atualmente se ergue a sede municipal de Gaspar, isoladamente, ou constituídos em pequenos grupos, não oferecendo a região o aspecto de um povoado.”<sup>50</sup>

#### 4. 7 Guabiruba

Como mostra METZGER (1988, p. 30), “os imigrantes que primeiro se estabeleceram em Guabiruba procediam da região de Baden, Pomerânea, Hessen, Baviera, Prússia, Oldenburg, Schwarzburg e Holstein (...)”. Um fato importante é que de 1860 a 1875, havia 686 agricultores, 04 tecelões, 06 sapateiros, 04 mineiros, 06 lapideiros, 05 padeiros, 11 ferreiros, 03 marceneiros, 02 moleiros, 04 pedreiros, e 09 fabricantes de carros.<sup>51</sup>

De certo modo estes empreendedores também foram importantes para a criação de empresas, geração de empregos e negócios em geral levando a

<sup>49</sup> Ano da “Revolução Alemã de 1848” quando Karl MARX e Friedrich ENGELS apresentaram o “Manifesto Socialista”.

<sup>50</sup> ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros (1959), p. 143.

<sup>51</sup> CABRAL (1960) citado por METZGER (1988, p. 35).



economia do núcleo colonial a um grau mais elevado de desenvolvimento sócio-econômico.

#### 4. 8 Ibirama/Hammonia-Itajaí Hercílio<sup>52</sup>

Antiga *Hammonia*, Ibirama foi fundada em 1898 quando se estabeleceram colonos europeus. “Em 1912, foi desmembrada do Distrito de *Indaial*, pertencente ao Município de *Blumenau* (...)” (CABRAL, 1970, p. 226). Posteriormente<sup>53</sup> em 1934 transformou-se em município com o nome de Dalbérgia.<sup>54</sup> Em 1935 voltou a chamar-se Hammonia, mas com a Campanha de Nacionalização Forçada, [ver FIOD (1995)], imposta por Getúlio Vargas, no Brasil, e por Nereu Ramos<sup>55</sup>, no Estado de Santa Catarina, em 1943 passou a chamar-se Ibirama. Segundo RICHTER (1992, p. 80), podemos verificar na tabela abaixo as línguas<sup>56</sup> faladas em Ibirama, em 1912: Tabela n. 6

Ordem	Língua	Número	%
1	Alemã <sup>57</sup>	1982	80,00
2	Bielorussa	-	-
3	Italiana <sup>58</sup>	31	1,25
4	Polonesa	14	0,56
5	Portuguesa	375	15,13
6	Russa	-	-
7	Tcheca	76	3,06
8	Ucraniana	-	-
Total	-	2.478	100,00

<sup>52</sup> Cardoso (1991) no título do livro coloca a nomenclatura do Núcleo Colonial em ordem cronológica crescente, neste trabalho propomos a ordem decrescente para facilitar a compreensão do leitor no tempo histórico.

<sup>53</sup> CABRAL, O. R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1970.

<sup>54</sup> Há um Distrito atualmente (i.e., em 1999) chamado de Dalbérgia que foi conhecido por Neu-Bremen.

<sup>55</sup> Juntamente com Carlos Gomes, foi um dos maiores críticos contra os imigrantes alemães, italianos e japoneses no Estado. Proibiu o ensino nas escolas e a utilização cotidiana da língua alemã, italiana e japonesa, dentre outras. E diminuiu o Poder Político da Família “Konder”, que na verdade era de Língua Alemã. E foi responsável pela mudança de nomes “alemães” por nomes “indígenas” e “portugueses”, que não são os únicos e exclusivamente brasileiros, de municípios catarinenses ou do Estado de Santa Catarina.

<sup>56</sup> ALMANAQUE ABRIL (1990).

<sup>57</sup> E Dialetos (*Plattdeutsch*, *Badenser*, *Hünserick*, entre outros).

<sup>58</sup> E Dialetos (Trentino, Vêneto, entre outros).

A tabela anterior mostra a Diversidade Cultural e Lingüística existente na região naquela época da imigração européia voltada para o Vale do Itajaí do Norte, compreendeu na época Ibirama/Hammonia/Itajaí-Hercílio, Presidente Getúlio/Neu-Breslau/Neu-Zürich, Dona Emma, José Boiteux/Scharlach, Wittmarsum, Vítor Meireles/Alto do Rio Dollmann.

#### **4. 9 Indaial/Jndajal**

O Dr. Hermann Blumenau chegou em 1854 ao lugar onde futuramente seria localizada a colônia Indaial, encontrando tribos indígenas que alimentavam-se da caça, pesca e frutos silvestres. Apenas 6 (seis) anos mais tarde, em 1860, começou a colonização com imigrantes portugueses/açorianos. Em 1864 chegaram os primeiros imigrantes alemães, em 1875 é que se estabeleceram os primeiros imigrantes provenientes do Tirol.<sup>59</sup> Segundo FONSECA (1992, p. 27), houve 4 (quatro) correntes imigratórias para região, foram elas: alemã; a italiana; polonesa; e portuguesa/açoriana.

#### **4. 10 Ituporanga/Salto Grande**

De acordo com KOCH & MOMM (1985, p. 17), Ituporanga foi fundada em 1911 por Matias Pedro Sens, Egídio Sens, Gertrudes Momm, Leopoldina Steffen. Seu antigo nome foi Salto Grande.

Em 1912 entraram novos pioneiros, foram eles: Matias Gil Sens, Catarina Gorges, Baldoino Sens, Escolástica Köpp, Ernesto Pedro Ludwig, Apolônia Sens, Adão Sens, Lidvina Paulina Schmitt, Jacó Sens, Cecília Clasen, Fernando Sens, Matilde Schappo, Leopoldo Pedro Ludwig, Rosália Sens, Norberto Ludwig, Olídia Sens e Jacob Momm.

#### **4. 11 Presidente Getúlio/Neu-Breslau/Neu-Zürich**

---

<sup>59</sup> FONSECA (1992, p. 246 e 247).

Fundada em 1904 por imigrantes suíços de língua alemã, era chamada de *Neu-Zürich*, que em português significa Nova Zurique. Mas devido a problemas de colonização estes suíços de língua alemã abandonaram o lugar, eram na época aproximadamente 30 (trinta) famílias, e só em 1909 com a vinda do alemão/prussiano/silesiano, Wilhelm Göbel, que iniciou-se a colonização propriamente dita. Em homenagem a Wilhelm Göbel que era proveniente da cidade de *Breslau*, Breslavia em português, a localidade passou a chamar-se *Neu-Breslau*, ou seja, Nova Breslavia.

Em 1944 com a Campanha de Nacionalização Forçada, [ver FIOD (1995)], passou a chamar-se Presidente Getúlio. A Campanha de Nacionalização Forçada na verdade foi imprudente, pois, o problema poderia ter sido resolvido da seguinte maneira na Educação do Estado de Santa Catarina:

Ordem	Situação	Língua
1	Obrigatória	Portuguesa
2	Optativa	Materna
3	Optativa	Optativa
4	Optativa	Optativa

No ano de 1953 foi elevado a Município, nesse mesmo ano foi eleita a primeira mulher, sendo esta também a primeira pessoa a assumir (i.e., em 1954-1959) um cargo executivo em Presidente Getúlio foi a senhora Cecília Ax nascida Köpsel e esposa de Franz Ax. Em 1997 foi criada a Casa da Cultura Renate Adele Ax em homenagem a senhora Renate Adele Ax<sup>60</sup> nascida Kühne; esposa de Gerhard Ax<sup>61</sup>.

#### 4. 12 Rio do Sul/Bella Alliança/Südarm

Rio do Sul, foi fundada<sup>62</sup> em 1892, pelos irmãos imigrantes de língua alemã Peter e Franz Frankenberger. O primeiro nome é *Südarm*, em língua alemã, e que significa Braço do Sul em língua portuguesa. Segundo

<sup>60</sup> AX - WILHELM (1999/a).

<sup>61</sup> AX - WILHELM (1999/b).

<sup>62</sup> PEREIRA (1992, p. 25).

CARDOSO (1991, p. 31), a localidade “foi elevada a distrito de Blumenau em 13 de abril de 1912 com o nome de Bella Aliança, e em 15 de abril de 1931 tornou-se um município, com o nome de Rio do Sul.”

Abaixo um quadro ilustrativo<sup>63</sup> dos primeiros 12 (doze) moradores locais:

Primeiros Moradores	Língua	Ano	Profissão
Peter Frankenberger	alemã	1892	Agricultor
Franz Frankenberger	alemã	1892	Agricultor
Basílio Corrêa de Negredo <sup>64</sup>	portuguesa	1892	Balseiro
Jakob Heuser	alemã	1893	Agricultor
José Vicente Leite	portuguesa	1894	Agricultor
Otto Schönichen	alemã	1900	Agricultor
Karl Rinnert	alemã	1901	Agricultor
Heinrich Teske	alemã	1904	Agricultor
Fritz Feldmann	alemã	1904	Agricultor
Aquiles Ferrari	italiana	1905	Agricultor
Rudolf Odebrecht	alemã	1906	Vendeiro
Georg Lucas	alemã	1907	Funileiro

A primeira venda (i.e., Casa de Comércio) do atual município de Rio do Sul, foi criada por Rudolf Odebrecht, no ano de 1904.<sup>65</sup> Em 1907 Oskar BREHMER abriu a primeira farmácia, de acordo com CARDOSO (1991, p. 39). Na área encontravam-se Tribos Indígenas, sendo as principais: Guaranis, Caingangos, Botocudos, Coroados, e Xócrens.

Mais tarde chegaram imigrantes italianos, portugueses e negros africanos. A produção de Rio do Sul era predominantemente agrícola e era transportada para fora via o rio Itajaí-açu.<sup>66</sup>

<sup>63</sup> Alguns dados obtidos encontram-se em: CARDOSO (1991, p. 34).

<sup>64</sup> Basílio Corrêa de Negredo era Balseiro e teve papel fundamental no transporte da região segundo SCHÄETTE (1987), de acordo com este autor, o Balseiro auxiliou o engenheiro agrimensor alemão/prussiano Emil Odebrecht por trinta anos, que traçou Linhas Telegráficas, demarcou limites no Estado catarinense e mediu lotes Rurais e Urbanos.

<sup>65</sup> CARDOSO (1991, p. 37).

<sup>66</sup> CARDOSO (1991, p. 38). Afirma que a população não criticou as obras de abertura de estradas para carroças justamente porque houve uma via natural de transporte que foi o rio, facilitando deste modo a vida dos habitantes do lugar.

Os primeiros Empreendedores em Rio do Sul foram:

*“Açougue: C. Holetz; Caminhão: Rudolf Odebrecht; Carpintaria: Erich Siewerdt; Carro de Mola: Wilhelm Ern; Cervejaria: Gustavo Brandes; Ferraria: Edgar Odebrecht; Funilaria: Jorge Lucas; Charqueada: Buhr & Nachenweng; Marcenaria: Leopoldo Kluge; Motorista de Praça: Carlos Knoll; Oficina Mecânica: Ulrich Huebsch; (...).”* (CARDOSO, 1991, p. 63 e 64).

#### 4. 13 Rio dos Cedros

Foi colonizado principalmente por italianos<sup>67</sup>, austríacos de língua italiana e alemã, poloneses e alemães/pomeranos<sup>68</sup> que fundaram a localidade de Pomeranos<sup>69</sup>, chegando na verdade antes dos demais imigrantes. Conforme VICENZI (1975, p. 15), foi

“devido às dificuldades de vida, o Governo da Áustria abriu a emigração. A medida foi bem aceita pelo povo exausto de guerras, pobre e cansado, vivendo sob o jugo dos “Siori” do Tirol, numa região montanhosa, com pouca terra para cultivar, ameaçada pelas enchentes periódicas, e com uma população muito densa.”

#### 4. 14 Conclusão

Concluindo, a Região Blumenau ou Sistema Industrial Localizado Blumenau apresentou sem dúvida alguma uma heterogeneidade<sup>70</sup> (i.e., étnica, cultural, e lingüística), justificada pela tabela<sup>71</sup> abaixo:

<sup>67</sup> Como mostra VICENZI (1975, p. 65), na área de Colonização Italiana foi falado o Dialeto Vêneto.

<sup>68</sup> Os Alemães chegaram ao local em 1869.

<sup>69</sup> Segundo VICENZI (1975, p. 55), outras localidades foram fundadas por Alemães /Pomeranos, são elas: Rio dos Cedros, Cedro Alto, Rio Ada e Alto Rio dos Cedros.

<sup>70</sup> Ou diversidade.

<sup>71</sup> PELLIZZETTI (1981, p. 112). Estes dados referem-se ao ano de 1883.

Nacionalidade	Número	Língua	%
Brasileira	3.236	portuguesa	17,00
Alemã e Austríaca	12.464	alemã	66,00
Austríaca/Tirolesa	1.635	alemã e italiana	08,70
Italiana	956	italiana	05,10
Diversas	565	Diversas	03,20

E para confirmar as informações acima descritas, podemos ver em DIRKSEN (1996, p. 16) que em 1920 o Estado de Santa Catarina “(...) *contava com uma população de 688.743 pessoas, sendo 31.243 estrangeiras. Dos 31.243 estrangeiros, 10.758 eram alemães; 8.062 italianos; 3.065 poloneses; 2.620 austríacos; 2.065 russos.*”

## CAPÍTULO 5

### O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DA REGIÃO SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA *VERSUS* A REGIÃO BLUMENAU

#### 5.1 Os Fatores responsáveis pelo Desequilíbrio Econômico<sup>72</sup>

Em primeiro lugar para podermos identificar a realidade econômica das duas regiões precisamos analisar os fatores que levaram especificamente uma região em relação a outra a um rumo diferente, ou seja, por que Blumenau prosperou e porque São Pedro de Alcântara ficou estagnada no tempo. Através dos capítulos 3 e 4 deste trabalho, foram identificados fatores que prejudicaram São Pedro e alguns que ajudaram Blumenau, são eles:

- Fatores Geográficos;
- Fatores Populacionais;
- Fatores Econômicos;
- Fatores Históricos;
- Fatores Religiosos;
- Fatores Étnicos; e
- Fatores Culturais.

Primeiramente, os fatores de ordem geográfica foram os seguintes:

O relevo de São Pedro era muito acidentado (montanhoso), inviabilizando certas técnicas produtivas, da mesma forma a terra<sup>73</sup> era de péssima qualidade<sup>74</sup>, o que dificultou o bom desenvolvimento de plantas, utilizadas na alimentação animal e humana; Outro fator foi decorrente do primeiro, no sentido de que em função do relevo ser muito acidentado havia

---

<sup>72</sup> Idéia do desequilíbrio vem de PERROUX (1975) que afirma que o crescimento ocorre com variações de estrutura, isto é, é diferente de região para região.

<sup>73</sup> Este era o caso da Colônia de Santa Isabel-Águas Mornas-SC, como mostra JOCHEM (1992). JOCHEM (1992) concorda com HERING (1987).

<sup>74</sup> BOITEUX (1939, p. 37), afirma que no caso da Colônia Nova Itália, fundada em 1836, as terras eram excelentes.

escassez de terras para todos os agricultores que queriam produzir horti-fruti-granjeiros<sup>75</sup> destinados ao mercado consumidor de Desterro<sup>76</sup>.

Um fator que ajudou a Região Blumenau, era o fato de ela ser mais extensa do que a área de São Pedro de Alcântara, e de um modo geral mais fértil e não acentuadamente acidentada, o que viabilizou uma agricultura mais rica e produtiva com custos de produção menores e com uma rentabilidade maior.

Um fator importante, é que Blumenau era banhada por um rio<sup>77</sup>, o rio Itajaí-açú, que de certa forma facilitava o transporte de matérias - primas, produtos fabricados artesanalmente com um custo<sup>78</sup> relativamente mais baixo do que o custo de transporte de São Pedro que era feito através de picadas abertas na mata, numa época que não havia boas estradas para a circulação de Carroças e/ou Carros de Mola.

Quanto aos fatores populacionais, as razões resumem-se em:

Em função de São Pedro possuir escassez de terras - já mencionado nos fatores geográficos - houve uma forte emigração para outras colônias dentro do Estado de Santa Catarina, deste modo não criando no local um mercado consumidor de produtos produzidos fora e dentro da colônia como no caso de Blumenau;

O número de imigrantes que entraram em Blumenau foi superior ao de São Pedro, constituindo um nascente mercado consumidor<sup>79</sup> local que fornecia

---

<sup>75</sup> CAZELLA (1995).

<sup>76</sup> Atual cidade de Florianópolis-SC-Brasil.

<sup>77</sup> SMITH *apud* SENNA (1995), afirma a importância de uma via natural de transporte de mercadorias, o que significa, economicamente, custos reduzidos ou minimizados.

<sup>78</sup> MAMIGONIAM (1960, 1965, e 1986, *apud* Michels, 1993) garante que o custo de transporte de Blumenau em relação aos grandes centros do país, como Rio de Janeiro e São Paulo era elevado, contudo podemos assegurar que não era elevado de tal forma como o de São Pedro de Alcântara em relação as regiões mencionadas.

<sup>79</sup> Um artigo interessante é: MOTTA (1995).



também mão-de-obra para a nascente indústria artesanal<sup>80</sup>, o que não ocorreu na outra colônia, isto é, em São Pedro de Alcântara;

Os fatores econômicos identificados são os seguintes:

A colônia de São Pedro de Alcântara foi logo após ser criada e implantada, abandonada pelo Governo Imperial, que cortou todas as despesas necessárias para o desenvolvimento local. Relativamente a Blumenau, que foi fundada 21 anos depois, é que esta foi Estatizada em 1860, quando ocorreu em grande escala um arranque econômico<sup>81</sup>, levando a uma elevação da condição social de vida da população. Em função de existir em Blumenau uma respeitável quantidade de artesãos<sup>82</sup> e fábricas artesanais, criou-se um pólo de crescimento<sup>83</sup> que induziu o crescimento de outras empresas locais, incidindo na produção total, o mesmo tendo ocorrido em São Pedro de Alcântara.

Um fato é que em Blumenau, ao contrário de São Pedro de Alcântara, houve efeitos propulsores centrífugos<sup>84</sup>, ou seja, impulsos emanados das áreas ricas (i.e., onde haviam empresas, bancos, repartições públicas) que produziram resultados positivos nas áreas pobres e periféricas (região circunvizinha). Esta peculiaridade de Blumenau a transformou rapidamente em um centro regional de desenvolvimento e elevando a taxa de crescimento de sua indústria artesanal regional.

---

<sup>80</sup> JARAMILLO (1986), discute a importância da concentração de meios produtivos e da força de trabalho, pois, a esta se adiciona o mercado interno. Isto leva a exigência da criação dos Meios de Consumo Coletivos Urbanos em função do processo de metropolização ocorrido.

<sup>81</sup> Para maiores esclarecimentos veja: PETRY (1996, p. 9).

<sup>82</sup> PIAZZA (1983).

<sup>83</sup> Para PERROUX (1975, *apud* Lins 1995), o pólo de crescimento é uma unidade econômica motriz, ou um conjunto formado por várias dessas unidades (uma empresa, uma indústria, um complexo de indústria) de grande porte com taxas de crescimento superiores à média, que induz o crescimento de outras empresas e indústrias.

<sup>84</sup> MYRDAL (1968, p. 47-67).

Ligado ao fato acima é que em São Pedro de Alcântara, os efeitos regressivos de expansão<sup>85</sup> foram mais fortes do que os efeitos propulsores de expansão, em especial, a emigração<sup>86</sup> ocorrida de São Pedro para outras regiões.

Os fatores não econômicos apontados por Myrdal (1968, p. 56), e ocorridos em São Pedro, foram a péssima condição das estradas que na verdade não passavam de “picadas abertas na mata”, e a felicidade da Região Blumenau ou Sistema Industrial Localizado Blumenau<sup>87</sup> possuir uma via natural de transporte.<sup>88</sup>

O fator histórico encontrado fora:

A fundação da colônia Blumenau ocorreu 21 anos<sup>89</sup> após a fundação de São Pedro de Alcântara, isto é, em outra época, pois as pessoas, a cultura e a tecnologia já haviam se modificado, levando Blumenau a um outro tipo de evolução histórico - econômica.

Em relação ao fator religioso observamos que:

Na verdade não teve influência no processo de desenvolvimento, pois, tanto a colônia Blumenau como a de São Pedro de Alcântara, não apresentou dados estatísticos comprovando a predominância de católicos apostólicos romanos sobre evangélicos luteranos e luteranos ou vice - versa.<sup>90</sup>

---

<sup>85</sup> Para MYRDAL (1968, p. 53), os principais efeitos regressivos são: a migração, o movimento de capital e o comércio.

<sup>86</sup> Já mencionada nos Fatores Geográficos.

<sup>87</sup> COURLET (1993).

<sup>88</sup> Já apontado nos Fatores Geográficos.

<sup>89</sup> Levemente discutido dentro dos Fatores Econômicos.

<sup>90</sup> Tanto Blumenau como São Pedro de Alcântara possuíam uma população predominantemente Católica Apostólica Romana, desta forma a religião se mostrou ineficiente como argumento crítico para afirmar que Blumenau prosperou enquanto São Pedro estagnou.

Apesar de Blumenau possuir uma população onde 61,5%<sup>91</sup> era evangélica luterana e luterana, na década de 80 do século XIX, estes números foram alterados com a entrada de imigrantes italianos e austríacos de língua italiana que eram todos católicos apostólicos romanos<sup>92</sup>, passando a estatística a se alterar para o lado católico.<sup>93</sup>

O fator étnico descreve que:

A imigração tanto para Blumenau como para São Pedro de Alcântara, foi predominantemente europeia não-portuguesa<sup>94</sup> (i.e., alemã, austríaca, luxemburguesa, suíça de língua alemã, italiana, austríaca de língua italiana, húngara, belga, francesa, grega, eslava, escandinava, e báltica). Na verdade, este fator mostrou-se neutralizado como argumento crítico, e como justificativa na afirmação de que Blumenau prosperava e São Pedro estagnava economicamente. Mas isto não significa dizer que o fator étnico não é importante na análise do desenvolvimento econômico, e que a imigração destes imigrantes citados anteriormente não teria feito nenhuma diferença se tivessem colonizado ou não a região.

Pois, numa mesma análise, como por exemplo, da Região Blumenau *versus* Região Florianópolis ou Região Joinville *versus* Região Florianópolis - que não é uma Região Industrial - a afirmação é que, como Florianópolis foi colonizada por portugueses, principalmente açorianos e madeirenses, provenientes de áreas pobres, subdesenvolvidas, carentes de tecnologia, de

<sup>91</sup> PIAZZA & HUEBENER (1975, p. 67).

<sup>92</sup> De acordo com BERRI (1988), no momento em que se verificou que o número de Evangélicos Luteranos e Luteranos era maior ao de Católicos Apostólicos Romanos, a Igreja Católica Apostólica Romana e o Governo Brasileiro incentivaram a imigração proveniente de regiões Católicas Apostólicas Romanas da Alemanha, Itália, Império Austro-Húngaro e da Polônia. BERRI (1988)partilha da mesma idéia de Finardi (1976, p. 21).

<sup>93</sup> Como mostra VON TSCHUDI (1988, p. 64), 70,25% da população da colônia Brusque era Católica Apostólica Romana, isto considerando-se de que se tratava do ano de 1864.

<sup>94</sup> Isto não quer dizer que, não houve imigração de famílias de açorianos e madeirenses para as duas regiões.

educação deficiente<sup>95</sup>, agricultura de subsistência e pesca artesanal, não tiveram espírito empreendedor<sup>96</sup> como tiveram os imigrantes alemães, austríacos, suíços de língua alemã, italianos, austríacos de língua italiana, húngaros, eslavos, escandinavos, e bálticos, que eram provenientes de países educacional, cultural, tecnologicamente e artisticamente altamente desenvolvidos, e em melhores condições econômicas do que Portugal.

Quanto ao Fator Cultural<sup>97</sup> podemos observar que:

Como os imigrantes eram europeus não portugueses, tanto para o caso de Blumenau como para o caso de São Pedro de Alcântara, este fator também mostrou-se neutralizado<sup>98</sup>, ou seja, como os imigrantes eram provenientes das mesmas regiões européias, não pode ser utilizado para diferenciar a análise.

Tomamos como conclusão que Blumenau obteve um desenvolvimento histórico e econômico positivo e próspero enquanto São Pedro de Alcântara ficou estagnada no tempo e na história, o que foi explicado pelos fatores geográficos, populacionais, econômicos, e históricos, pois, os fatores religiosos, étnicos e culturais mostraram-se para este caso neutros como argumentos críticos para explicar porque o rumo econômico das duas regiões não coincidiu no período de 1828 á 1940.

## **5.2 Análise da Teoria Schumpeteriana**

Para entendermos a discussão se a teoria schumpeteriana consegue explicar ou não porque houve o diferencial econômico [SINGER (1977)] entre Blumenau e São Pedro de Alcântara pelo fato das duas regiões terem recebido

---

<sup>95</sup> SENNA (1995), coloca que Portugal investiu apenas no estudo do Direito e do idioma latim, deixando as outras áreas educacionais, como a engenharia, altamente deficientes.

<sup>96</sup> Uma exceção em nível de Brasil foi o Empresário Brasileiro Irineu Evangelista de SOUZA, o famoso e ilustre Visconde de Mauá, que era neto de Imigrantes Açorianos (Caldeira, 1995).

<sup>97</sup> Uma análise importante e interessante encontra-se em Fiod (1995).

<sup>98</sup> Isto não significa dizer que o Fator Cultural não é importante numa análise de desenvolvimento sócio-econômico.

levas de imigrantes não-portugueses, precisamos fazer uma análise sobre a primeira parte deste capítulo.

Em primeiro lugar, a teoria schumpeteriana traçou alguns pressupostos, sendo o principal a afirmação de que o imigrante foi o principal, único e exclusivo agente a levar o Estado de Santa Catarina ao desenvolvimento.

Partindo da conclusão obtida na primeira parte deste capítulo, podemos observar que o único fator responsável pelo processo de desenvolvimento de Santa Catarina enfatizado foi o fator étnico, enquanto os outros 6 fatores foram ignorados. Isto nos mostra que a teoria schumpeteriana não é eficiente ao tentar explicar a realidade do Estado de Santa Catarina, porque este fator - o único discutido por ela - mostrou-se neutro como argumento crítico para explicar o diferencial de desenvolvimento existente entre as duas regiões mencionadas. Como o tipo de imigrante era o mesmo não foi por este motivo que Blumenau conseguiu romper os desafios impostos pelos primeiros tempos da colonização, no século XIX.

Dentre os outros fatores, o fator religioso também mostrou-se impróprio para a análise, pois no momento em que a Igreja Católica e o Governo Imperial souberam que o número de luteranos e evangélicos luteranos era superior ao número de católicos apostólicos romanos, providências políticas foram tomadas e o quadro estatístico foi revertido em favor dos católicos, fazendo com que o argumento de que em Blumenau havia protestantes enquanto em São Pedro havia católicos apostólicos romanos e que os evangélicos luteranos e luteranos eram mais esforçados quanto à lógica capitalista foi neutralizado.

Outro fator, o cultural, mostrou-se do mesmo modo neutro porque o tipo de imigrante foi igual e deste modo os ideais e objetivos quanto a abertura de escolas e jornais foram os mesmos.

Já com relação aos outros fatores: os geográficos, os populacionais, os econômicos, e os históricos que mostraram bons argumentos na explicação do diferencial de desenvolvimento existente entre as duas cidades nem se quer foram citados.

Portanto, o problema da teoria schumpeteriana é que esta foi traçada por Pesquisadores que basearam sua análise no trabalho do economista austríaco Joseph Alois Schumpeter que tem como pressuposto que o empreendedor é o único e exclusivo Agente Econômico responsável pela criação de empregos e pela geração de novas empresas na economia e na sociedade de modo geral.

Para fundamentar este fato, necessitamos recordar o Modelo dos agentes econômicos e sociais de CORRÊA (1989) para facilitar a compreensão a respeito do assunto e para podermos discutir de modo crítico a teoria schumpeteriana. Segundo CORRÊA (1989, p. 12), quem produz<sup>99</sup> o espaço urbano e rural são: “(...) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; (...) os proprietários fundiários; (...) os promotores imobiliários; (...) o Estado<sup>100</sup>; e (...) os grupos sociais excluídos.”

Adotando como pressuposto o “Modelo dos Agentes Econômicos e Sociais” de CORRÊA (1989), a teoria schumpeteriana não conseguiu explicar porque Blumenau prosperou e São Pedro estagnou, principalmente por não abordar os fatores (geográficos, populacionais, econômicos) que contribuíram de modo positivo no diferencial existente entre as duas regiões, e por esta teoria exaltar apenas o fator étnico.

Em segundo lugar, como vimos na primeira seção deste capítulo, não foi o imigrante o único e exclusivo responsável pelo processo desenvolvimentista,

---

<sup>99</sup> Isto é os Agentes Econômicos e Sociais.

<sup>100</sup> De acordo com GRUPO DE TRABALHO EM HIDROLOGIA E CONTROLE DE ENCHENTES. (1984, p. 29) coloca que o Estado divide-se em 3 (três) competências: Municipal, Estadual, e Federal.

mas, sim a interação dos proprietários dos meios de produção (i.e., dos grandes industriais<sup>101</sup>), com os proprietários fundiários (i.e., dos agricultores), com promotores imobiliários<sup>102</sup> (i.e., o Estado era o grande agente pois era o dono das terras), com o Estado (i.e., como responsável pela criação dos meios de consumos coletivos urbanos)<sup>103</sup> e com os grupos sociais excluídos que na época (1828-1940) não eram expressivos como atualmente são.

Concluindo, podemos afirmar que os pressupostos teóricos (o fator étnico) da teoria schumpeteriana são ineficientes para explicar as conclusões obtidas na primeira parte do capítulo. Isto deve-se ao fato da teoria schumpeteriana ter o pressuposto de que apenas 1 (um) agente social foi responsável pelo desenvolvimento.

Enquanto para CORRÊA (1989), um conjunto de agentes, na verdade 5 (cinco), é que construíram a realidade Sócio-Econômica do Estado de Santa Catarina. Há fundamento deste modo por que a teoria schumpeteriana não serve para explicar porque houve o diferencial [SINGER (1977)] de desenvolvimento existente atualmente entre Blumenau e São Pedro de Alcântara se os imigrantes eram todos provenientes das mesmas regiões européias.

Mas não se pode dizer que o trabalho feito pelos imigrantes europeus não-portugueses foi deficiente e que se estes imigrantes teriam imigrado ou não para estas regiões não teria se sentido diferença alguma quanto a qualidade de vida e ao desenvolvimento sócio-econômico atualmente existente.

---

<sup>101</sup> Aqui um exemplo, foi o Empresário Alemão Karl RENAUX, em Brusque-SC.

<sup>102</sup> Conforme Corrêa (1989, p. 19, 20 e 21), o Estado também é um promotor imobiliário, apesar do promotor constituir-se numa equipe de agentes responsável pela incorporação, financiamento, estudo técnico, construção ou produção física do imóvel e da comercialização.

<sup>103</sup> Como mostra CARNOY (1990), o Estado também é responsável pela amenização do conflito de Classes.

## **CAPÍTULO 6**

### **CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

#### **6.1 Conclusões**

Em primeiro lugar, podemos concluir que através dos fatores geográficos, populacionais, econômicos, e históricos, obtivemos argumentos que justificam a prosperidade blumenauense comparativamente a estagnação de São Pedro de Alcântara. Quanto aos fatores culturais, étnicos e religiosos, não houve argumentação crítica importante por estes fatores mostrarem-se neutros na análise.

Os fatores geográficos discutidos e identificados foram principalmente a questão do relevo acidentado, a infertilidade do solo, a escassez de terras que tiveram impacto negativo para São Pedro, enquanto a via de escoamento (i.e., da produção) natural, o rio Itajaí - açu, teve impacto positivo para Blumenau.

Os fatores populacionais vistos foram a migração que prejudicou São Pedro de Alcântara, enquanto o número de imigrantes (i.e., em maior número) ajudou Blumenau.

Quanto aos fatores econômicos, entrou em discussão o abandono pelo governo Imperial da região São Pedro de Alcântara, o que prejudicou-a pela falta de recursos e o que fez com que não se origina-se um pólo de crescimento o contrário de Blumenau.



Os efeitos propulsores de expansão que foram positivos no caso da Região Blumenau, os efeitos regressivos que anularam os efeitos propulsores no caso de São Pedro, e por último, os Fatores não - econômicos, principalmente a existência de uma via de escoamento natural da produção, já mencionado nos Fatores Geográficos facilitou o modo de vida para Blumenau.

Já o fator histórico resume-se na questão da vantagem de Blumenau ser fundada 21 anos depois de São Pedro de Alcântara, quando a tecnologia e a cultura eram outras, isto é, mais desenvolvidas. O fator religioso não afetou, ou seja, não influenciou o rumo do desenvolvimento de Blumenau relativamente a São Pedro porque a população tanto de uma colônia em relação a outra era predominantemente católica apostólica romana.

O fator étnico, mostrou-se neutro como argumento crítico justificado pelo fato de os imigrantes serem provenientes das mesmas áreas européias. O fator cultural, também mostrou-se neutro como argumento crítico justificado pelo fato de os imigrantes serem provenientes das mesmas áreas européias, tendo deste modo mais ou menos o mesmo ou aproximado grau de instrução educacional.

Quanto a questão da tentativa de explicação da teoria schumpeteriana do processo de desenvolvimento de Blumenau e São Pedro de Alcântara, a conclusão obtida é que o pressuposto idealizado pela teoria schumpeteriana, isto é, que o imigrante é o único responsável pelo processo de desenvolvimento é ineficiente, pois só enfatiza o fator étnico, desprezando os demais fatores que influíram no diferencial existente entre as duas regiões, ou *belts*, ou *gebiets*.

A explicação segundo CORRÊA (1989), os agentes sociais que produzem o desenvolvimento são os grandes industriais (i.e., os vendeiros), o Estado que neste caso era o grande agente imobiliário, o Estado que foi o

criador dos meios de consumo coletivos urbanos (i.e., construiu estradas, pontes, e facilitou a vida dos moradores locais), e amenizador dos conflitos de classes, os proprietários fundiários que eram os agricultores e os profissionais liberais na região e os excluídos (que sempre existiram).

A interação destes 5 (cinco) agentes [i.e., e não de 1(um)] é que levou a criação da sociedade catarinense e do nível de vida sócio-econômico descrito nos livros de economia e história, e não apenas o imigrante sozinho como defende a Teoria Schumpeteriana.

O que não significa dizer em hipótese alguma que o imigrante europeu não foi importante para o desenvolvimento local, ao contrário, independente se era profissional liberal, agricultor ou empresário, dentro do “Modelo dos Agentes Econômicos e Sociais” de CORRÊA (1989), o Imigrante Europeu Não Português foi indispensável no processo histórico, pois, também contribuiu.

## **6.2 Recomendações**

Surgem outras idéias a respeito das conclusões obtidas neste trabalho, estas devem ser respeitadas e futuramente trabalhadas por professores e pesquisadores. Estes devem criticar as idéias contidas neste trabalho, que neste caso não vinculou a deficiência da Teoria Schumpeteriana em explicar o Desequilíbrio Econômico entre a Região Blumenau ou Sistema Industrial Localizado Blumenau e a Região São Pedro de Alcântara ou Sistema Industrial Localizado São Pedro de Alcântara com a importância ou não da vinda de imigrantes europeus predominantemente não-portugueses para a região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alcides. *Liberdade, Capitalismo e Prosperidade*. Florianópolis: Grajaú, 1954. Apud Michels (1993).
- \_\_\_\_\_. *Mão-de-Obra Industrial em Santa Catarina*. Florianópolis: SENAI, 1956. Apud Michels (1993).
- \_\_\_\_\_. *Ciclo de Estudos sobre Segurança e Desenvolvimento: panorama infra-estrutural de Santa Catarina - as comunicações*. Florianópolis: ADESG, 1970a. Apud Michels (1993).
- \_\_\_\_\_. *Panorama da Economia Catarinense. Ensaio sobre a Economia Catarinense*, Florianópolis, v. , n. , p. 13-44, 1970b. Apud Michels (1993).
- \_\_\_\_\_. *O caminho do Homem: proposta para uma proposta para Santa Catarina*. Florianópolis: Imprensa Universitária, [19—]. Apud Michels (1993).
- ALMANAQUE ABRIL. São Paulo: Abril, 1990.
- ANTHONY, Robert. *As Chaves da Autoconfiança: o guia avançado para vencer na vida*. 6ª. ed. São Paulo: Best Seller, 1989. P. 121.
- AX, Albert. *O Desenvolvimento de uma Colônia Alemã na Floresta da Região Sul do Brasil - 29-09-1929-1930*. Tradução de Renaldo Ax. Florianópolis, 1992. 09 p. Manuscrito. Tradução de: Die entwicklung einer deutschen siedlung in Südbrasilianischen urwald - 29-09-1920/1930. Dona Emma, [19—]. Manuscrito.
- AX-WILHELM, Michael. *Os complexos Agroindustriais no contexto mercosulino: perspectivas e incertezas*. Florianópolis, 1996. 9 p. Repr. (Trabalho de Avaliação em Economia Agrícola.) – Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Professor Laércio Barbosa Pereira.
- \_\_\_\_\_. *Renate Adele Ax: um exemplo de dedicação à Cultura*. Rio do Sul, 1999a. 01 p. Repr.

- \_\_\_\_\_. *Gerhard Ax: uma breve biografia*. Rio do Sul, 1999b. 01 p. Reprgr.
- BERRI, A. *A Igreja na Colonização Italiana no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. *Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1939.
- BOSSLE, Ondina Pereira. *Henrique Lage e o Desenvolvimento Sul Catarinense*. Florianópolis: UFSC, 1981. *Apud Michels (1993)*.
- \_\_\_\_\_. *História da Industrialização Catarinense (das origens à integração no Desenvolvimento Brasileiro)*. Florianópolis: Confederação Nacional da Indústria, 1988. *Apud Michels (1993)*.
- CABRAL, O. R. *Brusque: subsídios para a História de uma Colônia nos tempos do Império*. 1ª. ed. Brusque: "Sociedade Amigos de Brusque", 1960.
- \_\_\_\_\_. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1970.
- CALDEIRA, Jorge. *Mauá: Empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CARDOSO, A. M. *Braço do Sul 1856. Bella Aliança 1912. Rio do Sul 1931-1991*. 2ª. ed. rev. e ampl. Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio do Sul, 1991.
- CARNOY, Martin. *Estado e Teoria Política*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- CASTRO, A. B. de. *7 ensaios sobre a Economia Brasileira*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975. *Apud Michels (1993)*.
- CAZELLA, Ademir. A Questão Agrarária em Santa Catarina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 33º. Curitiba-PR, 1995. *Anais ... Brasília: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 1995. V. 02, p. 799-813.*
- CENTRO DE ASSISTÊNCIA GERENCIAL (SC). *Evolução Histórico-Econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis, 1980. *Apud Michels (1993)*.
- CORREA, R. L. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989. p. 11-35.

- COURLET, C. Novas dinâmicas de desenvolvimento e Sistemas Industriais Localizados (SIL). *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 9-25, 1993.
- CUNHA, Idaulo José. *Evolução Econômico - Industrial de Santa Catarina - 1748 - 1945*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. *Apud Michels* (1993).
- \_\_\_\_\_. *O salto da Indústria Catarinense: um exemplo para o Brasil*. Florianópolis: Paralelo 27, 1992. (Série Economia, v. 1.) *Apud Michels* (1993).
- DALL' ALBA, J. L. *Imigração Italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1983.
- DIRKSEN, Valberto. *Dona Emma: história do município*. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Dona Emma, 1996.
- ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros (1959).
- FINARDI, J. E. *Colonização Italiana de Ascurra (subsídios para a história do município) 1876-1976*. Blumenau: Lunardelli, 1976.
- FIOD, E. G. M. *Homens sem Paz: Escola, Trabalho e Colonização*. São Paulo, 1995. Reprogr. Tese (Doutorado em Educação.) - Faculdade de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica Apostólica Romana.
- FONSECA, Edeltraud Zimmermann. *Indaial: cidade das plantas e das flores (sua história, sua gente, seus costumes)*. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1992.
- GOULART, M. do C. R. K. *A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro: uma contribuição ao estudo da Imigração Polonesa no Brasil Meridional*. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1984.
- GRUPO DE TRABALHO EM HIDROLOGIA E CONTROLE DE ENCHENTES. *As enchentes de jul/83 e a busca de soluções*. Florianópolis: UFSC, 1984.
- HERING, M. L. R. *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: FURB, 1987. *Apud Michels* (1993).

- JARAMILLO, S. Crise dos Meios de Consumo Coletivo Urbano e Capitalismo Periférico. *Espaço & Debates*, São Paulo, v. 02, n. 18, p. 19-39, 1986.
- JOCHEM, Toni Vidal. *Pouso dos Imigrantes*. Florianópolis: Papa-livro, 1992.
- KOCH, Dorvalino. & MOMM, J. *Famílias Pioneiras de Salto Grande*. Ituporanga: Ipiranga, 1985.
- KOCH, Dorvalino. *Ituporanga: na sua Tradição e Progresso*. Brusque: Mercúrio, 1999. P. 17.
- LAGO, P. F. *Santa Catarina, a Terra, o Homem e a Economia*. Florianópolis: Revista dos Tribunais, 1968. *Apud Michels* (1993).
- \_\_\_\_\_. *Geografia de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1971. *Apud Michels* (1993).
- \_\_\_\_\_. *Gente da Terra Catarinense: Desenvolvimento e Educação ambiental*. Florianópolis: UFSC/FCC/Lunardelli/UDESC, 1988. *Apud Michels* (1993).
- \_\_\_\_\_. *A Consciência Ecológica: a luta pelo futuro*. Florianópolis: UFSC, 1991. *Apud Michels* (1993).
- LIMA, Jeferson. Túnel do Tempo. *A Notícia*, Joinville, 06 maio 1999. (Anexo.)
- LINS, Hoyêdo Nunes. *Economia Regional e Urbana: Notas de Aula*. Florianópolis, 1995. Notas de aula por Michael Ax Wilhelm.
- LIPIETZ, Alan. *O Capital e seu Espaço*. São Paulo: Nobel, 1987. P. 92-111.
- MAGNOLI, Demétrio. *O Mundo Contemporâneo: Relações Internacionais, 1945-2000*. São Paulo: Moderna, 1996. P. 09.
- MAMIGONIAM, Armen. *Brusque: estudo de Geografia Urbana e Econômica*. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960. *Apud Michels* (1993).
- \_\_\_\_\_. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 389-481, jul./set. 1965. *Apud Michels* (1993).
- \_\_\_\_\_. *Atlas de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Santa Catarina. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. Subchefia de Estatística, Geografia e Informática, 1986. *Apud Michels* (1993).

- MATTOS, Fernando Marcondes de. *A Industrialização Catarinense*. Florianópolis: UFSC, 1968. *Apud* Michels (1993).
- \_\_\_\_\_. *Santa Catarina: nova dimensão*. Florianópolis: UFSC, 1973. *Apud* Michels (1993).
- \_\_\_\_\_. *Santa Catarina: tempos de angústia e esperança - subsídios para um Programa de Governo*. Florianópolis: Lunardelli, 1978. *Apud* Michels (1993).
- \_\_\_\_\_. *Santa Catarina: tempos de angústia e esperança - subsídios para um Programa de Governo*. 2ª. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1986. *Apud* Michels (1993).
- MATTOS, Jacintho Antônio de. *Colonização do Estado de Santa Catarina; dados Históricos e Estatísticos (1640-1916)*. Florianópolis: Typ. "O Dia" , 1917. *Apud* Jochem (1992).
- METZGER, C. *O Lavrador-Operário de Guabiruba*. Guabiruba: Prefeitura Municipal de Guabiruba, 1988.
- MICHELS, Ido Luiz. *Uma crítica à Economia Política Catarinense*. Campina Grande, 1993. 330 p. Repr. Dissertação (Mestrado em Economia.) - Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Paraíba.
- \_\_\_\_\_. *Crítica ao modelo catarinense de desenvolvimento: do planejamento econômico, 1956 aos precatórios, 1997*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- MIRA, Crispim. *Terra Catharinense*. Florianópolis: Typ. "Livraria Moderna", 1920.
- MOTTA, A ., PORTO, H. R. L. As cidades são o palco. *Democracia* 111, p. 28 - 29, mar./abr. 1995.
- MYRDAL, Gunnar. *Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas*. Rio de Janeiro: Saga, 1968. P. 47-67.
- PAIVA, A . J. G. de O . *Colonização Alemã de São Pedro de Alcântara*. Florianópolis: Typ. "Livraria Moderna", 1929.

- PELLIZZETTI, B. *Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional; estudo de caso*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1981.
- PERROUX, François. O conceito de Pólo de Crescimento. In: FAISSOL, S. (Org.), *Urbanização e Regionalização, relações como o Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975. p. 98-110.
- PEREIRA, Orlando. Comissão de estudo analisa historiografia de Rio do Sul. *A Notícia*, Joinville, 16 maio 1992. P. 25.
- PETRY, S. M. V. A saga do Dr. Blumenau, um dos pioneiros da Imigração Alemã. *A Notícia*, Joinville, 25 dezembro 1996. Caderno C, p. 09.
- PIAZZA, Walter. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: UFSC, 1983.
- PIAZZA, Walter & HUEBENER, L. M. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Santa Catarina: história da gente*. 2ª. ed. ampl. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- QUATRO anos de Emancipação. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 abril 1998. P. 24.
- RATTI, Bruno. *Comércio Internacional e Câmbio*. Rio de Janeiro: Aduaneiras, 1994.
- REITZ, Raulino. *Alto Biguaçu: narrativa Cultural Tetrarracial*. Florianópolis: Lunardelli/UFSC, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Santa Bárbara: primeiro núcleo da Colonização Alemã em Santa Catarina*. Florianópolis: [s.n.], 1991.
- RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização no interior de Joinville e Blumenau*. 2ª. ed. rev. e ampl. Florianópolis: UFSC, Blumenau: FURB, 1992.
- SALVADOR, Lauro. Os Nichos Econômicos e o Livre Empreendimento. *Atualidade Econômica*, Florianópolis, ano 03, n. 14, p. 3-5, maio/jun. 1989.
- RBS TV. Programa Santa Catarina por inteiro, São Pedro de Alcântara, 1998.
- SCHAETTE, Estanislau. *Rio do Sul*. Rio do Sul: ICAL, [1987]. Reprogr.
- SCHMIDT, Elzeário. Os alemães vieram há 160 anos. *A Notícia*, Joinville, 12 novembro 1989.



- SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (SC). *Análise da Indústria de Transformação de Santa Catarina*. Florianópolis: Edeme, 1974. *Apud Michels* (1993).
- SENNA, J. J. *Os parceiros do Rei: herança cultural e desenvolvimento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- SEYFERTH, G. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento, 1974. *Apud Michels* (1993).
- SILVA, Etienne Luiz. *O Desenvolvimento Econômico Periférico e a formação da rede urbana de Santa Catarina*. Porto Alegre, 1978. Repr. Dissertação (Mestrado em Economia.) - Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Apud Michels* (1993).
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Nacional, 1977. *Apud Michels* (1993).
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Agenda UFSC 1996*. Florianópolis, 1996.
- VICENZI, Victor. *História de Rio dos Cedros - 1875/1975*. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1975.
- VIEIRA FILHO, Ady. *As raízes da industrialização: grupos empresariais catarinenses - origem e evolução (1880-1985)*. Florianópolis, 1986. Repr. *Apud Michels* (1993).
- VON TSCHUDI, Johann Jakob. *As Colônias de Santa Catarina*. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988.

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
COORDENADORIA DE ESTÁGIOS E MONOGRAFIA

AVALIAÇÃO DA MONOGRAFIA

1. Parte Escrita

1.1) Conteúdo

a) Objetivo do Estudo – (na área econômica)

Até que ponto a delimitação dos objetivos permitiu que seus propósitos fossem alcançados.

Nota: 0/1/2/3/4/5/6/7/8/9/10. [0,5]

b) Metodologia

A metodologia utilizada foi apropriada para alcançar os objetivos.

Nota: 0/1/2/3/4/5/6/7/8/9/10. [0,5]

c) Corpo do Trabalho

O desenvolvimento teórico, analítico, de resultado e de conclusão foram sistematizados de maneira a possibilitar o atingimento dos objetivos. A bibliografia é atualizada.

Nota: 0/1/2/3/4/5/6/7/8/9/10. [0,5]

Item 1.1) Média (a + b + c) = ..... x 5,0 (peso) = .....

1.2) Estilo e forma de apresentação

a) A redação foi clara, a linguagem precisa, as idéias foram apresentadas com lógica e continuidade, o uso da terceira pessoa do singular e da voz passiva foram seguidos no texto.

Nota: 0/1/2/3/4/5/6/7/8/9/10. [0,5]

b) As tabelas, quadros, figuras, citações bibliográficas, notas de rodapé, números, abreviaturas, anexos, referências bibliográficas, etc., seguiram as normas técnicas.

Nota: 0/1/2/3/4/5/6/7/8/9/10. [0,5]

Item 1.2) Média (a + b + c) = ..... x 2,0 (peso) = .....

2. Parte Oral

O conteúdo da exposição e da arguição, a postura, a gesticulação, a linguagem, os recursos didáticos e audiovisuais, desenvolvidos ou apresentados durante a defesa oral, foram satisfatórios.

Nota: 0/1/2/3/4/5/6/7/8/9/10. [0,5] x 3,0 (peso) = .....

Nota Final: 1) Parte Escrita – item 1.1) = .....

item 1.2) = .....

2) Parte Oral - = .....

Soma (Partes 1 + 2) = ..... Soma/10 (Nota Final) = .....

Comissão de Avaliação:

1 (Presidente) Prof. João Rogério Sanson Ass. ....

2 (Membro) Prof. Ass. ....

3 (Membro) Prof. Ass. ....

Nome do Aluno: Michael Ax Wilhelm Data Defesa: .../.../....

Parecer da Banca: (Aspectos Positivos e Negativos da Monografia)